



30 ANOS ANTRÓLOGOS

SOFIA N. WASTERLAIN

||U

30 ANOS
ANTROPÓLOGOS

EDIÇÃO

Imprensa da Universidade de Coimbra
Email: imprensa@uc.pt
URL: http://www.uc.pt/imprensa_uc
Vendas online: <http://livrariadaimprensa.uc.pt>

COORDENAÇÃO EDITORIAL

Imprensa da Universidade de Coimbra

CONCEÇÃO GRÁFICA

Imprensa da Universidade de Coimbra

EXECUÇÃO GRÁFICA

KDP

ISBN

978-989-26-2475-4

ISBN DIGITAL

978-989-26-2476-1

DOI

<https://doi.org/10.14195/978-989-26-2476-1>

30 ANOS ANTROPÓLOGOS

SOFIA N. WASTERLAIN

I|U

(Página deixada propositadamente em branco.)

PREFÁCIO

UMA LICENCIATURA INOVADORA?

Os testemunhos de trinta licenciados em Antropologia traduzem uma visão que marca alguma novidade e até um certo desafio face a outras licenciaturas no contexto nacional. Pelo que dizem, e sobretudo pelo modo como o dizem, estes testemunhos afirmam o indiscutível êxito desta licenciatura.

Podemos também imaginar o reverso da medalha: o eventual testemunho de outros antropólogos a criticar esta nova licenciatura. Por uma questão de princípio este reverso, a existir, deveria ser igualmente considerado e se por acaso aparecer é igualmente bem-vindo. Por agora limito-me a apreciar os trinta testemunhos que compareceram e que podem ajudar a esclarecer a questão formulada: é esta licenciatura inovadora?

O que marca positivamente esta nova licenciatura é, no parecer destes jovens antropólogos, antes de mais a diversidade temática das matérias. É a nota mais saliente que estes novos antropólogos exprimem de modos diversos (dispensome das aspas...): vantagens de não ser uma licenciatura muito especializada, estimula grande abertura à diversidade cultural, permite a interligação dos variados estudos das

populações humanas, é marcadamente interdisciplinar, responde ao fascínio pela diversidade, etc.

Outro importante aspeto a destacar é a indiscutível orientação para procurar a inovação alargando os horizontes dos jovens que querem e imaginam poder contribuir para um mundo melhor: a crítica ao eurocentrismo abre o espírito a valores mais universais, como outras filosofias e outras estéticas, o que nos leva a pugnar por outros modos de vida possíveis e a realçar o peso da subjetividade na construção das ciências, inclusive das ciências exatas. Também estimula uma maior capacidade de observação e de integração na natureza, o tal paradigma perdido, que é preciso recuperar. Por tudo isto alguns reconhecem que a licenciatura os fez crescer porque permitiu ver mais além.

Verifica-se também, por estes testemunhos, que os objetivos desta licenciatura se constroem num clima de boas relações docentes/alunos e reconhecimento da competência e dedicação dos professores, um ambiente saudável de uma verdadeira comunidade académica.

Se para muitos a opção de Antropologia ainda pode ser vista como uma fuga romântica para valores passados a verdade é que os valores, tal como os deuses, desaparecem uns e nascem outros num dinamismo universal dos diferentes grupos humanos em resposta às chamadas «artes de subsistência» onde o racional e o mítico se interligam por mecanismos quase impercetíveis. Na base deste novo olhar destaca-se a continuidade entre biologia e cultura, área científica onde muitas barreiras foram artificialmente levantadas.

O dinamismo biocultural é por isso a pedra de toque para entender muitas das práticas «bizarras» vistas numa perspetiva eurocêntrica (fundamentalmente judeo-cristã). As motivações biológicas fundem-se com determinações

sociais que só podem ser entendidas no contexto biocultural. Esse foi, em minha opinião, o aspeto verdadeiramente inovador desta licenciatura em Antropologia.

Coimbra, 9 de fevereiro de 2023

M. Laranjeira R. Areia

*Professor Catedrático Aposentado
Cofundador da Licenciatura em Antropologia
na Universidade de Coimbra*

(Página deixada propositadamente em branco.)

INTRODUÇÃO

No ano letivo em que se comemoram os 30 anos sobre o início da Licenciatura em Antropologia na Universidade de Coimbra (1992/1993), faz sentido celebrar o curso que nos une. Uma das formas encontradas foi, através deste livro, ter uma visão sobre quem são os antropólogos formados por esta casa ao longo do último quarto de século. Não se pretende mostrar todos os que por aqui passaram, pois foram inúmeros, mas, através de três questões (*Porque escolheu fazer a Licenciatura em Antropologia? Olhando para trás que ferramentas aprendidas/desenvolvidas durante o curso foram mais úteis para o seu percurso (profissional) / vida? O que faz presentemente e/ou quais são os seus planos para o futuro, e como a antropologia se relaciona nesses planos?*) dar uma ideia da diversidade de percursos que a formação em Antropologia pode proporcionar. Foram muitas e boas as surpresas que tivemos durante este exercício, ao contactar antigos colegas e/ou alunos que trabalham atualmente nas mais diversas áreas, direta ou indiretamente relacionadas com a Licenciatura em Antropologia. É unânime, contudo, o reconhecimento da importância dos saberes e competências adquiridos para os diversos percursos profissionais e/ou pessoais, realizados em Portugal e noutros países da Europa,

América, África e Ásia. Esperamos, desta forma, inspirar os nossos alunos, atuais e futuros, a fazerem o seu próprio caminho, que não será livre de obstáculos e adversidades, mas caracterizado pela mesma paixão pela Antropologia que aqui podemos apreciar. Infelizmente, nem todas as surpresas foram boas, pois foi assim que tomámos conhecimento do desaparecimento precoce de uma de nós, a nossa querida ex-aluna e Inspetora da Polícia Judiciária, Paula Tavares.

Sofia N. Wasterlain

*Ex-aluna e atual Coordenadora do curso de Licenciatura
em Antropologia da Universidade de Coimbra*



HOMENAGEM PÓSTUMA A PAULA MANUELA TAVARES

A Paula Manuela Meneses Tavares foi um ser humano excepcional, um exemplo de rigor científico, capacidade de trabalho e organização. Acima de tudo era um doce de pessoa: as suas competências sociais aliadas à sua discrição e determinação sem dúvida que a catapultaram para o sucesso profissional. Aluna assídua, atenta, dedicada e muito boa na licenciatura em Antropologia optou, posteriormente, pelo Mestrado de Medicina Legal e Ciências Forenses da Faculdade de Medicina da U.C. Tive o gosto e o privilégio de ser sua orientadora da dissertação de mestrado, para além de sua professora em disciplinas da licenciatura e do mestrado. A tese, concluída em 2004, versou sobre as afinidades populacionais e foi objeto de uma excelente classificação, à altura das suas capacidades. Esta opção por este mestrado refletia bem o gosto da Paula Manuela pela Antropologia Forense e pelas Ciências Forenses em geral. A sua perspicácia, tenacidade e sede de conhecimento levaram-na a concorrer com êxito à Polícia Judiciária, tornando-se a primeira licenciada em Antropologia a conseguir um lugar de inspetora.

A Paula teve ainda o mérito de receber um Louvor (publicado no DR 373/2017) “pela sua coragem, espírito de sacrifício e voluntariedade, revelaram altos índices de competência, profissionalismo e entrega à causa pública”.

Foi traída, demasiado cedo, pela doença do século contra a qual lutou, sempre com um sorriso, até ao fim. Que o seu percurso e a sua história inspirem outros estudantes de Antropologia a seguir os seus passos. Para quem a conheceu o seu sorriso permanecerá na memória.

Eugénia Cunha

Professora Catedrática da Universidade de Coimbra

Diretora da Delegação do Sul do INMLCF,IP

Orientadora de Mestrado da Paula Tavares

30

ANTROPÓLOGOS



ALICE CRUZ

Na altura, a minha escolha pela [licenciatura em Antropologia] teve menos que ver com um projeto profissional ou de vida e mais com o interesse pessoal de estudar as diferentes disciplinas que compunham a licenciatura. Não foi uma escolha calculada, mas mais um passo num caminho pessoal de descoberta do mundo. A escolha foi, portanto, em grande medida accidental.

As ferramentas que emprego hoje na minha vida profissional foram aprendidas e desenvolvidas em âmbitos muito mais amplos do que a licenciatura e muito mais diversos do que a academia. Não posso atribuir à licenciatura em Antropologia a origem exclusiva das ferramentas que hoje uso. O que, sim, reconheço, é que a licenciatura em Antropologia me treinou a olhar de forma interdisciplinar e intercultural, mas também indisciplinada, ou seja, subvertendo o cânone e os seus códigos, e me facultou uma espécie de capacidade interescalar que me permite mover entre escalas muito diversas, mas também relacioná-las, desde o micro ao macro e vice-versa.

Neste momento sou Relatora Especial das Nações Unidas para a eliminação da discriminação contra as pessoas afetadas pela lepra (também chamada de doença de Hansen) e membros das suas famílias. Exerço, portanto, um mandato do Conselho de Direitos Humanos. Pretendo continuar a trabalhar no campo dos direitos humanos com organizações



ANA ANTUNES

A constante incerteza sobre que curso superior escolher é para mim uma memória particularmente vívida. Sempre partilhei a curiosidade pelas Ciências da Vida com o prazer da leitura e reflexão das Ciências Sociais e Humanidades. E confesso que só me restringi a estes dois domínios devido à minha total inaptidão às Artes. Lembro-me de ler com o mesmo interesse os planos curriculares de cursos como Biologia, Arqueologia e História. Na interseção destas áreas descobri por mero acaso a licenciatura em Antropologia da Universidade de Coimbra. A possibilidade de ter no mesmo plano curricular temas tão diversos como a Evolução Humana ou a Antropologia Social e Cultural fizeram-me decidir com entusiasmo ir estudar para Coimbra, uma cidade e instituição até então fora dos meus planos.

De maneira simples, o curso de Antropologia ajudou-me a pensar. Mais precisamente, a pensar com espírito crítico

e a abordar o mesmo problema de diferentes perspetivas. Esta ferramenta tem sido fundamental no meu desenvolvimento profissional. Após o meu Mestrado em Antropologia Médica rumei a um estágio na Organização Mundial de Saúde e, posteriormente, fiz o meu doutoramento em Saúde Pública Global (Universidade Nova de Lisboa e Universidade do Porto). Hoje, refletindo sobre o meu percurso, recordo Arthur Kleinman quando escreveu “global health, many would agree, is more a bunch of problems than a discipline”. Durante o meu doutoramento e subsequente trabalho de investigação, foquei-me na área da saúde mental e, neste caso, a Antropologia foi essencial para conceptualizar as suas dimensões sociais e políticas. Apesar dos problemas de saúde mental representarem uma elevada carga de doença a nível mundial, com substanciais custos para a sociedade, esta é uma área historicamente negligenciada, subfinanciada, e associada a persistentes violações de direitos humanos (“a moral failure of humanity”, também nas palavras de Arthur Kleinman). O meu principal interesse focou-se nos determinantes sociais de saúde mental, mais especialmente nos mecanismos de seleção social que contribuem para a perda de posição socioeconómica naqueles que experienciam um problema de saúde mental e subsequente incapacidade (conceptualizada na interação entre a saúde de um indivíduo e fatores contextuais que limitam a sua participação plena e equitativa na sociedade). Estudei este fenómeno num período de potencial exacerbação, nomeadamente a recessão económica de 2008, tendo a minha formação em Antropologia contribuído, com toda a certeza, para o meu interesse neste tópico (relativamente pouco abordado em estudos epidemiológicos na altura) e permitiu-me abordá-lo de forma interdisciplinar, usando ferramentas metodológicas quantitativas e qualitativas.

O meu percurso profissional manteve-se na área da saúde pública e trabalho atualmente como epidemiologista no sector privado numa *Contract Research Organisation* (CRO). Sou responsável pelo desenho e implementação de estudos epidemiológicos em diferentes áreas terapêuticas, maioritariamente usando bases de dados secundários. Estes estudos permitem gerar “real-world evidence”, cada vez mais valorizada por agências reguladoras em saúde a nível internacional. Nesta função, é fundamental discutir criticamente o desenho de estudo, características das bases de dados e potenciais fontes de viés. A minha formação permite-me colaborar ativamente neste processo altamente interdisciplinar e contribuir para a sua qualidade científica. Diria ainda que, de forma mais subtil, o que aprendi na licenciatura de Antropologia irá com certeza influenciar a minha visão sobre o mundo e escolhas futuras, quer sejam uma próxima seleção literária ou aventura profissional.



ANA LEONOR SILVA

A licenciatura em Antropologia surgiu numa fase de desencanto em que frequentava outro curso na Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra. Não estava a gostar do curso e, como sempre gostei muito de Biologia, resolvi pesquisar os planos curriculares de vários cursos e o de Antropologia agradou-me imenso, o que me levou a fazer a licenciatura.

O facto do curso, na altura em que o frequentei, incluir cinco áreas (Antropologia Biológica (AB), Antropologia Social e Cultural, Ciências Sociais, Estatística e Interdisciplinar) foi uma mais-valia na procura de trabalho e fez com que tenha tido vantagem sobre outros cursos que são demasiado específicos. No meu caso, que fiz a especialização em Antropologia Biológica, as competências adquiridas, não só em AB, mas também nas outras áreas permitiram que seja, desde há 18 anos, Técnica Superior de Antropologia numa Autarquia.

Para além das ferramentas adquiridas, quero aqui referir o excelente ambiente entre Professores, Funcionários e Alunos que existia no meu tempo e que é fundamental para que o percurso académico na Faculdade decorra o melhor possível. Quando terminei a licenciatura senti um misto de uma enorme alegria e de uma certa nostalgia por deixar para trás os Professores que tanto estimava! Ficam as Saudades...

Sou Técnica Superior de Antropologia na Câmara Municipal da Guarda, onde penso continuar, e a Antropologia vai surgindo no dia a dia em várias situações, a par das funções de um Técnico Superior numa Autarquia.

CURSO: 1999-2005



ANA RITA AMARAL

A minha escolha [pela licenciatura em Antropologia] deveu-se em parte ao acaso de ter conhecido uma pessoa que estava

a fazer Antropologia em Coimbra quando eu estava a terminar o ensino secundário, a Catarina Antunes Gomes. Nessa altura, fiz parte de umas experiências de iniciação ao teatro promovidas por um grupo chamado ACTO-Instituto de Arte Dramática, no qual a Catarina participava. Eu estava na área de Humanidades e queria seguir para a universidade, mas não tinha certezas quanto ao curso a escolher. Inicialmente pensei em ir para Direito, mas a disciplina de que mais gostava era história, sobretudo contemporânea. Não tive grande contacto com as ciências sociais no secundário, porque única opção que havia no décimo segundo ano era geografia. Portanto, esse contacto meio acidental com a Catarina, que me chegou a trazer uma brochura com a estrutura curricular do curso de antropologia, abriu-me para essa possibilidade. Curiosamente chegou a integrar esse grupo de teatro o sociólogo André de Brito Correia, o que me levou também a considerar o curso de sociologia. Tentei informar-me o melhor que consegui sobre estes cursos, incluindo sobre a oferta em outras universidades, e acabei por escolher Antropologia em Coimbra. A proximidade geográfica com o lugar onde os meus pais viviam e ainda vivem, não tendo sido determinante, também pesou na decisão.

Segui o ramo social e cultural. Apesar de ter feito as cadeiras necessárias do ramo biológico, as ferramentas que aí adquiri não foram aquelas que me foram mais úteis no meu percurso posterior. Isto não significa que a particularidade de o curso em Coimbra combinar as duas áreas não tenha moldado a maneira como eu vejo a disciplina e a sua história, particularmente em Portugal. Mas voltando à pergunta – e sem entrar em considerações sobre o modo como algumas das questões-chave da disciplina, como diversidade cultural e (rejeição do) etnocentrismo são tantas vezes publicitadas nas páginas dos cursos de antropologia como competências

profissionais – penso que adquiri e desenvolvi três tipos principais de competências que cultivo até hoje. Por um lado, competências de leitura e análise crítica de textos, que eram dados muitas vezes em inglês e também em francês. Nas chamadas ‘aulas teóricas’, aprendíamos a situar os textos relativamente às teorias e debates emergentes na história da disciplina, e depois nas ‘aulas práticas’ discutíamos cada texto mais detalhadamente. Esta dinâmica entre aulas teóricas e práticas refletia as práticas pedagógicas das ciências ditas naturais, porque o Departamento de Antropologia estava integrado na Faculdade de Ciências. A aquisição deste tipo de competências era também potenciada pelo facto de os programas da maioria das cadeiras serem anuais e de o currículo geral do curso ao longo dos quatro anos estar, na minha perspectiva, bem estruturado. Ao mesmo tempo, a avaliação era feita sobretudo através da escrita de ensaios, por isso, para além dessas competências de leitura e análise crítica, adquiri também competências de escrita. A inexistência das expectativas e da pressão para publicar que existem hoje dava mais margem de manobra para erros e experimentalismos literários, ainda que por outro lado também não nos expusesse às convenções de publicação e de diálogo académico. Finalmente, em terceiro lugar, destaco um conjunto de competências que decorre em particular da relação entre as cadeiras de Cultura Material e Museologia Crítica, por um lado, e algumas experiências curatoriais no então Museu Antropológico, por outro. Isto permitiu-me adquirir competências de investigação e trabalho com base em coleções museais, integrando problematização de questões sociais mais abrangentes e passando pela sua comunicação a públicos não académicos. Para tudo isto contribuiu grandemente a motivação, dedicação e as áreas de investigação de alguns docentes que tive a sorte de ter.

Comecei recentemente a trabalhar na Universidade de Utrecht, num projeto intitulado *Pressing Matter: Ownership, Value and the Question of Colonial Heritage in Museums*, que surge dos debates sobre o que fazer com o património constituído durante o período colonial hoje existente em muitos museus europeus e, neste caso, nos Países Baixos. O grupo de trabalho onde estou procura discutir especificamente o lugar da religião nesses debates, a partir da análise de coleções associadas à atividade de missionários católicos e protestantes holandeses em África e na atual Nova Guiné Ocidental. O meu doutoramento, que defendi no Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa em 2018, foi precisamente sobre estes temas e, na verdade, decorreu da minha experiência profissional no Museu da Ciência da Universidade de Coimbra, onde trabalhei depois de terminar a licenciatura durante cerca de seis anos e com pessoas com quem também aprendi muito. Decidi avançar com um projeto sobre as trajetórias de duas coleções associadas com os missionários da Congregação do Espírito Santo, também conhecidos como Espiritanos, que trabalharam em Angola durante o período colonial (e ainda trabalham hoje), coleções essas que hoje se encontram em Coimbra e no Museu Nacional de Etnologia, em Lisboa. Depois trabalhei na África do Sul, num grupo de investigação muito dinâmico, com muitos colegas da região a trabalhar sobre tópicos distintos, o que me permitiu desenvolver uma segunda linha de investigação, mais histórica, sobre um comerciante itinerante que viveu em Angola no séc. XIX. Com muitas incertezas e instabilidade pelo caminho, tenho conseguido combinar no meu percurso trabalho em museus e investigação académica nos campos da antropologia e da história, em instituições e países diferentes. Não obstante as dificuldades do mercado de trabalho tanto

nos museus como na academia em Portugal e um pouco por todo o mundo, é neste caminho que gostaria de continuar.



BRUNO SENA MARTINS

[Escolhi a Licenciatura em Antropologia] pelo fascínio que exerceu em mim uma licenciatura que se apresentava como um “objeto estranho”. O facto de a Antropologia se situar entre as ciências naturais, ramo de minha formação no liceu, e as ciências sociais, onde afluía muita da minha curiosidade intelectual, tornou-a sedutora enquanto escolha incerta. A seu modo, a Antropologia perfilou-se nessa escolha como uma fuga mais ou menos romântica às certezas que deveriam definir a realidade.

Na Antropologia Sociocultural encontrei um espaço de questionamento e inquietude que certamente contribui para edificar um olhar reflexivo e autorreflexivo sobre as relações de poder e sentido que se contendem em cada tempo e lugar.

Sou Investigador do Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra (CES/UC) onde co coordeno do Programa de Doutoramento “Human Rights in Contemporary Societies” e sou docente no Programa de Doutoramento “Pós-Colonialismo e Cidadania Global”. Tenho investigado e publicado sobre o corpo, memória social, direitos humanos, racismo e colonialismo. No futuro pretendo continuar



CARINA MARQUES

[A minha escolha pela licenciatura em Antropologia] começou com um interesse enorme sobre o comportamento humano e não humano. Sempre tive curiosidade em perceber as origens da enorme diversidade cultural que temos hoje. Na altura, não sabia que isto era antropologia. Curiosamente, foi numa férias de Verão durante o liceu, que conheci uma antropóloga portuguesa a fazer trabalho em antropologia social e cultural em França. Conversámos vários dias sobre a sua investigação centrada no uso que as pessoas faziam das garrafas de água vazias. Achei tudo aquilo fascinante e decidi que queria ser antropóloga. Mais tarde, durante o curso, fiquei fascinada com o que “os ossos” nos podiam dizer sobre a vida das pessoas.

Frequentar o curso de Antropologia foi uma experiência claramente transformadora. Ampliamos a nossa capacidade de pensar criticamente sobre os grandes desafios e os processos humanos, tanto do passado como do presente e de repensar o futuro. Adquirimos uma perspectiva holística, relativista, e tolerante sobre o que significa ser humano. Acho que essas são ferramentas essenciais para um futuro mais promissor.

Sou Professora Auxiliar (*Assistant Professor*) no Departamento de Antropologia da *The University of Texas Rio Grande Valley*, Texas, EUA. Neste momento estou dedicada a expandir a oferta formativa na área da Antropologia Biológica e a liderar a criação de um laboratório nesta área, com especial enfoque na Bioarqueologia e na Antropologia Forense. A minha investigação abrange uma perspetiva bio-cultural, diacrónica e epistemológica das doenças crónicas, em particular das neoplasias em esqueletos humanos. Neste momento, estou envolvida (e entusiasmada!) num projeto interdisciplinar que contempla técnicas da Radiologia, da Química e da Antropologia Biológica, para o estudo do perfil biomolecular das metástases ósseas em esqueletos humanos. Pretendo continuar a estudar o problema do cancro numa perspetiva evolutiva e contemporânea. Num futuro próximo tenciono desenvolver trabalho na crise humanitária que se vive na fronteira México-EUA, em particular na identificação e repatriamento de migrantes que morrem tragicamente aquando da sua travessia.

CURSO: 2006-2010



CARLA RIBEIRO

Desde muito nova que sempre me fascinou o estudo do ser humano, a sua evolução, a sua biologia e a forma como se adapta e vive em sociedade.

Durante a minha licenciatura em Antropologia conheci colegas e professores fantásticos, seres humanos dos bons, que permitiram que esta etapa da minha vida fosse um caminho bastante agradável e memorável. Lidei com pessoas que possuíam outras formas de pensar, diferentes ideologias e com formas de viver diferentes, o que achei fascinante. Foi durante as primeiras aulas da licenciatura que redescobri o esqueleto humano e o que os antropólogos faziam com ele. O meu primeiro contacto com os ossos resume-se a uma expressão: “primeiro estranha-se e depois entranha-se”. Fiquei maravilhada com o que se podia fazer e isso foi a alavanca para a minha tese de mestrado e determinou aquilo que queria fazer para o resto da vida.

Pude aprender com rigor como se escreve e apresenta um trabalho e a preparar uma conferência ou apresentação. Aprendi a comunicar-me melhor com os outros, transmitir conhecimentos e partilhar novas ideias e opiniões. Ao longo do curso aprendi a ser mais crítica, a contestar teorias e formular as minhas próprias ideias e hipóteses. Atualmente no meu trabalho tento ser o mais rigorosa possível, principalmente a nível científico, bastante organizada, dou muita importância ao trabalho de equipa e acima de tudo coloco muita paixão em tudo o que faço. Tudo graças ao percurso feito durante a licenciatura e a todas pessoas, principalmente os professores, que me deram as ferramentas e a motivação necessárias para chegar onde estou hoje.

Neste momento trabalho para o Município de Idanha-a-Nova estando inserida nos quadros da função pública por tempo indeterminado. Desempenho funções de carácter técnico na área do turismo (atendimento ao público nos postos de turismo e visitas guiadas), mas sempre que surge trabalho na área da antropologia para fazer sou chamada para o executar.

Sou responsável pelo material osteológico humano que se encontra no município de Idanha-a-Nova.

Colaboro como antropóloga no projeto IGAEDIS – A Aldeia Histórica de Idanha-a-Velha: Cidade, Território e População na Antiguidade (Séc. I A.C. – XII D.C.), onde em conjunto com colegas contribuo para a produção de algumas publicações em revistas.

Através de um protocolo entre o Município de Idanha-a-Nova e o Município de Proença-a-Nova tenho participado no Campo Arqueológico de Proença-a-Nova, este ano como antropóloga.

CURSO: 1996-2001



CARMEN PEREIRA

A licenciatura em Antropologia da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra no meu ano de ingresso (1996) era a única que englobava as duas áreas de conhecimento (física e cultural) para formação dos seus alunos. Apresentava uma dimensão mais abrangente da área do conhecimento do ser humano nas vertentes sociais, culturais e biológicas. O futuro antropólogo adquiria um conjunto de aptidões teóricas e práticas diretamente relacionadas com a participação, interpretação e certificação nas referidas áreas tendo como referência o conhecimento das populações.

O meu plano de estudo e percurso académico enquadraram-se perfeitamente nas aptidões necessárias para a aquisição das competências profissionais. Durante os meus 22 anos de experiência profissional enquanto antropóloga desenvolvi as minhas competências nas áreas do Património Cultural como trabalhadora independente e após 2003 nas Câmaras Municipais de Coimbra e de Cascais. As principais aptidões adquiridas durante este percurso consistem num conjunto de ações desenvolvidas através da realização de investigação nas áreas da Arqueologia e Paleoantropologia através da responsabilidade e execução de escavações antropológicas e realização dos seus relatórios técnico científicos; divulgação de resultados em artigos científicos de várias revistas das especialidades; participação na definição e parametrização de metodologia de registo do inventário osteológico; investigação enquadrada nas áreas da Etnografia e Património Imaterial através da implementação de metodologias para a investigação e divulgação da submissão de processos ao Inventário Nacional de Património Cultural Imaterial e o estudo de espólio etnográfico relacionado e enquadrado em determinada população local, com divulgação de resultados em artigos em plataformas digitais de âmbito municipal; e a participação na organização de eventos de divulgação do Património Cultural local. Cumulativamente ao desempenho destas atividades fui orientadora de vários estágios profissionais e curriculares na área da Antropologia e lecionei enquanto docente responsável as disciplinas de Antropossociologia da Diferença e dos Desvios Sociais no 1º e 2º anos da licenciatura de Educação Socioprofissional do Instituto Superior Jean Piaget.

Atualmente desempenho a minha atividade profissional na Câmara Municipal de Cascais como antropóloga na área do Património Cultural através da colaboração, investigação,

inventário e ações de divulgação nas áreas da Arqueologia, Paleoantropologia, Etnografia e Património Cultural Imaterial. A Antropologia é o elo central na interligação do estudo entre as populações precedentes, atuais e futuras. Assim, pretendo continuar a desenvolver a minha atividade profissional de acordo com o meu percurso desenvolvido até ao momento na administração local contribuindo assim para uma participação e dinamização da divulgação do Património Cultural local a nível nacional e internacional.



CATERINA PAIVA

Quando me candidatei à universidade, tinha dois grandes interesses: biologia e estudos culturais. A licenciatura em antropologia da Universidade de Coimbra parecia-me a melhor opção, pelo foco na interdisciplinaridade entre antropologia biológica e antropologia social e cultural.

Presentemente, depois de vários anos desde o fim da licenciatura, há 3 grandes ferramentas que me acompanham para todos os meus projetos: a capacidade de observar, para além do óbvio, o que me rodeia; a capacidade de perceber as relações entre diferentes dinâmicas, que várias vezes são impercetíveis; a constante lembrança de apreciar a diversidade e o potencial criativo do ser humano, independentemente de onde sejam.

Mudei-me para a China, pela curiosidade intercultural que a minha licenciatura em antropologia fomentou. E aqui me especializei em antropologia sobre a China, bem como em filosofia e estética chinesa.

Neste momento sou Candidata a Doutoramento pela Universidade de Beijing (北京大学) em História e Teoria de Arte. Em paralelo, sou Chefe de Redação duma revista online, ChinaNauts (www.chinanauts.com), cujo foco é publicar artigos e outros materiais, cientificamente rigorosos, mas para acesso ao público mais vasto, sobre a China contemporânea.

A minha decisão para me candidatar a um doutoramento em História e Teoria de Arte vem no seguimento de um longo interesse em Antropologia de Arte. A Arte, como uma das mais óbvias materializações do potencial criativo humano, é tanto uma consequência como uma causa de dinâmicas sociais, e a antropologia fornece um maravilhoso capital intelectual para perceber como isto se processa, em toda a sua magnitude.



**CRISTINA
BARROSO CRUZ**

“Quem é que já leu os ‘Argonautas do Pacífico Ocidental’ de Bronislaw Malinowski?” Foi desta forma que começou uma das minhas primeiras aulas do 1.º semestre, do 1.º ano da licenciatura em Antropologia. Confesso que, no final desta pergunta,

fechei o caderno que tinha aberto para tirar apontamentos e fiz mentalmente o percurso para os serviços académicos com a intenção de pedir informações sobre como mudar de curso. Só tinha percebido as seis primeiras palavras da pergunta, tudo o resto para mim parecia ter sido dito num outro idioma. Em certa medida não estava errada e foi a consciência dessa realidade – de que há mais do que uma forma de compreender aquilo que nos rodeia – que me fez ficar. Assim, não posso dizer que, aos 18 anos, quando me candidatei ao Ensino Superior, soubesse que queria fazer uma licenciatura em Antropologia. Tinha feito o Ensino Secundário na área das Ciências Naturais e gostava das matérias lecionadas no âmbito das disciplinas das Ciências Sociais. Preencher o formulário de candidatura foi por isso um exercício algo aleatório e inconsciente. A escolha por esta licenciatura, na realidade, foi sendo feita à medida que ia avançando no curso.

O que me fez seguir o percurso proposto pelo plano de estudos foi sentir que tudo aquilo que estava a aprender fazia sentido, ajudava-me a compreender o mundo e era emocionante. Havia um entusiasmo nos professores – a maioria muito jovem – que me contagiava e desafiava a pensar, o que parecendo elementar e lógico, nem sempre é estimulado nas práticas tradicionais associadas ao Ensino Superior e este era um sentimento partilhado pelos restantes estudantes. Na realidade, os colegas com quem tive a sorte de estudar, foram também um elemento fundamental para que os anos de licenciatura fossem tão ricos quanto foram. A maior parte das vezes, os debates e as angústias que se iniciavam nas aulas, estendiam-se para as mesas de café e, aos poucos, promoviam a nossa transformação.

Outro aspeto fundamental que me fez concluir a licenciatura foi a componente prática de algumas disciplinas. A possibilidade de podermos aprender usando o espólio associado às coleções

osteológicas e etnográficas do (antigo) Departamento de Antropologia, a possibilidade de participação em escavações, os exercícios de trabalho de campo com observação participante, permitiam explorar realidades e contextos que pareciam distantes ou improváveis. Também a possibilidade de fazer unidades curriculares noutros departamentos e noutras faculdades foi estimulante e nos preparou para aquela que é a experiência do antropólogo, a de viver outras realidades e pondo-nos à prova fora daquela que seria a nossa “casa-mãe”.

É importante dizer que, para muitas das pessoas à minha volta, fazer uma licenciatura em Antropologia parecia ser um risco ou um convite ao desemprego. Contudo, parecia estar a iniciar-se um momento de mudança no sector cultural em Portugal com o aparecimento do Parque Arqueológico do Vale do Côa, a divulgação da descoberta do Menino do Lapedo, a publicação da Lei de Bases do Património Cultural e uma afirmação de políticas culturais para as quais se começava a convocar, ainda que timidamente, o saber antropológico. Todas estas transformações eram-nos apresentadas durante as aulas e debatidas com os professores numa perspectiva realista, mas também muito esperançosa.

A minha escolha, não tendo sido premeditada, foi construída de forma sólida à medida que também eu me construía como pessoa e percebia que aquilo que eu queria ser e fazer coincidia com o que ia aprendendo e isso significava tornar-me antropóloga.

Em tudo o que fiz profissionalmente mobilizei as aprendizagens que recebi no curso tanto do ponto de vista técnico (por exemplo em contexto de escavações), quanto do ponto de vista científico (no trabalho de investigação) e do ponto de vista pedagógico (na docência). De entre as várias aprendizagens, aquela que mais impacto teve em mim, reside na forma como

a licenciatura se organiza e que passa por uma lógica multi e interdisciplinar. A possibilidade de cruzar áreas de saber era (e é) a característica distintiva da licenciatura em Antropologia da Universidade de Coimbra, já que a dimensão biológica e a social e cultural conviviam de forma igual na nossa formação. Este tipo de abordagem estruturou a minha ação profissional quer seja nos trabalhos de antropologia biológica em contextos arqueológicos, nos trabalhos que desenvolvi em autarquias, museus e enquanto docente. Foi e continua a ser para mim impossível não articular as perspetivas das diferentes abordagens científicas ligadas ao homem. Ao longo da formação, fica presente a ideia de que a diversidade de interpretações sobre o que nos rodeia são fundamentais para se compreenderem os fenómenos que estão ligados à vida das populações do passado quanto do presente.

Há também uma dimensão humanista na Antropologia que me parece ser fundamental para o desenvolvimento social sustentável. Aprender a olhar para o “outro” recusando preconceitos etnocêntricos e reconhecendo os particularismos culturais é uma competência que deveria ser trabalhada por todos para garantir que a convivialidade em contextos de diversidade é possível. O quadro conceptual da Antropologia oferece assim pistas muito relevantes para as sociedades contemporâneas.

Para desempenhar as minhas atuais funções profissionais, inspiro-me (fortemente) na minha experiência de aluna do Ensino Superior. Percebo agora que, o acolhimento que os professores da licenciatura deram às minhas divagações existencialistas não estava necessariamente alinhado com os seus interesses científicos. Por exemplo, estudar a influência da ordem de nascimento no comportamento humano (!), só foi possível e fez sentido graças à paciência do Professor Paulo Gama Mota, já que na realidade, este tema não se enquadrava no tipo de investigação que o Professor estava a desenvolver

naquele momento, e, o que eu queria mesmo, era perceber de que forma é que a minha condição de filha/irmã mais nova influenciava a minha forma de ser (o que sendo legítimo, era cientificamente pouco relevante). Teria sido muito mais confortável e vantajoso apontarem-me um caminho seguro e já trilhado. Este exercício de mentoria é fundamental quando nos estamos a formar como adultos e em qualquer área profissional, mas, de forma mais relevante, em contextos de ensino-aprendizagem. Aprendi também com os meus professores, e tento aplicar enquanto docente, a importância do envolvimento dos momentos de partilha e construção de saberes, e procuro dar a minha contribuição para o desenvolvimento das minhas áreas de investigação, tal como os vi a fazer, mas, nesse ponto, ainda tenho muito caminho para percorrer.

Desde o ano letivo de 2010-2011 que sou Professora da Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Lisboa (ESELx-IPL). Em linha com o que implica a carreira de docente do Ensino Superior, articulo a docência com trabalho investigativo e com as restantes tarefas associadas a esta função. A minha entrada para esta Instituição esteve diretamente associada à minha área de formação, num primeiro momento num sentido mais lato, por estar habilitada a lecionar matérias relacionadas com as Ciências Sociais e, mais recentemente, o trabalho que tenho vindo a desenvolver está diretamente relacionado com a Antropologia. As unidades curriculares que leciono mobilizam os paradigmas da Antropologia como ponto de análise e reflexão sobre as problemáticas sociais contemporâneas.

Para o futuro espero conseguir consolidar o trabalho que tenho vindo a desenvolver, em particular no âmbito da coordenação das licenciaturas em Animação Sociocultural (ASC) e em Mediação Artística Cultural (MAC). Em particular neste último caso, por ser um campo profissional e conceptual

emergente, estou particularmente interessada em perceber qual a relação que se pode estabelecer entre a MAC e a Antropologia. No que respeita à ASC, procuro também compreender como é que a intervenção em contexto de Diversidade Cultural pode beneficiar da contribuição do quadro conceptual da Antropologia. Outra área que espero poder continuar a explorar é a da bioarqueologia que, por integrar as áreas da antropologia biológica com as da antropologia social e cultural, que são fundamentais, para compreender melhor as populações do passado, mas também para perceber alguns fenómenos contemporâneos que poderão ser entendidos como inibidores ou promotores da convivialidade em contextos de diversidade.

Espero poder continuar, enquanto coordenadora editorial, a contribuir para a consolidação da Revista “Da Investigação às Práticas: Estudos de Natureza Educacional” bem como do “Centro Interdisciplinar em Educação e Desenvolvimento”, que atualmente co coordeno, ambos da ESELx-IPL, procurando que a dimensão interdisciplinar se assuma como elemento fundamental na produção de conhecimento científico no âmbito da educação formal e não-formal.

CURSO: 1997-2002



CRISTINA SÁ VALENTIM

No ensino secundário a minha área de estudo foi Saúde. Na altura fazia sentido por não conseguir definir, a meio da

adolescência, a área profissional que me estavam a exigir para planear o meu futuro. Estando perdida, fui aconselhada a optar por uma área que garantisse um leque alargado de saídas profissionais. No momento da escolha de um curso universitário ainda não sabia, claramente, o que gostaria de “ser”. As únicas certezas que tinha era o prazer de procurar perceber melhor as pessoas, os animais, as plantas, as células. Aliado a isso estava uma vontade imensa de conhecer outros mundos para além do que uma miúda de 18 anos conseguia viver num vale do rio Tua.

Tudo isso influenciou as escolhas que fiz na candidatura às Universidades. Já não me recordo quais foram todas as opções, mas sei que a primeira foi Biologia e a quarta foi Antropologia. Ao longo do trajeto do curso fui percebendo a dimensão em que me reconhecia mais, e acabei por escolher a especialização na área Social e Cultural. Estava longe de saber que essas escolhas (do curso e do ramo) se viriam a revelar como as mais adequadas aos meus interesses, quer a nível profissional, quer a nível pessoal.

Pensando com a minha experiência, é inegável que a formação académica em Antropologia, tanto obtida na Licenciatura como no Mestrado, foi muito além de uma obtenção administrativa de um diploma. Entre várias, ocorrem-me duas razões.

No momento em que terminei o curso foi como se não o tivesse concluído. Estávamos em 2002, num contexto de crise socioeconómica onde escasseavam, ainda mais, as oportunidades laborais para jovens antropólogas/os. Confrontei-me com essa dura realidade sobre a qual nunca se tinha falado seriamente no curso. Arrependi-me de “ser antropóloga”, mas tive de continuar de forma a não regressar para a casa da mãe. Foi nessa altura que trabalhei como “colaboradora de call-center”. Durante 5 anos ouvi pessoas que queriam saber números de telefone e moradas, as horas certas, enviar telegramas de parabéns e de condolências,

agendar pedidos de despertar às 23 horas ou às 5 horas da manhã. A única coisa interessante desses longos anos foi o contacto com diversas vozes (aprazíveis, melancólicas, curiosas, ansiosas, felizes), apesar de mediado por uma linha telefónica. É exatamente neste detalhe que vejo a outra razão que fez com que a formação académica em Antropologia fosse muito mais do que um papel.

Apesar de não me ter apercebido assim que terminei o curso, a Antropologia ajudou-me a criar pontes de entendimento com os outros, a entusiasmar-me com o que parece óbvio, banal ou insignificante, e a clarificar a relação comigo própria, a situar-me. Ao longo do tempo, foi e tem sido esse conhecimento a orientar os meus caminhos (pessoais e profissionais), e a motivar-me para não desistir da profissão para a qual me formei.

Precisamente 10 anos depois do mestrado, em 2019 concluí a minha tese de doutoramento (programa de Pós-Colonialismos e Cidadania Global) no Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra. Para lá da investigação científica, nos últimos anos tenho desenvolvido várias atividades ligadas à docência e à gestão e divulgação de ciência.

Tem sido um percurso laboral feito com surpresas e sobressaltos, suspiros e sorrisos (haverá outra forma?), e sempre imiscuído com uma “sensibilidade antropológica” que teima em persistir desde que conheci a Antropologia, ou quiçá antes disso.

Neste momento sou Investigadora Auxiliar no Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa. O meu futuro próximo será dedicado ao meu projeto de investigação científica que atualmente decorre no âmbito do Concurso Estímulo ao Emprego Científico Individual (CEEC, 4ª Edição) apoiado pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia. Nomeadamente, à pesquisa de canções angolanas que foram gravadas em vários territórios de Angola durante o colonialismo português tardio

e que se encontram, até hoje, no aparente silêncio dos arquivos. Esta pesquisa, feita a partir de acervos coloniais e das memórias orais, combina trabalho de campo etnográfico em Portugal e em Angola, em particular com as comunidades angolanas onde estas canções foram originalmente recolhidas.

Para quem trabalha no mundo académico, fazer planos profissionais e pessoais significa um esforço acrescido para lidar com diversas e imensas vicissitudes. Mas em todas as fases do caminho que percorri e daquele que anseio para o futuro, a Antropologia esteve e estará sempre no meu presente. Porque é uma forma de ver, de sentir, de estar e de lutar por outros mundos possíveis e mais justos.



DANIELA RODRIGUES

No 12º ano via-me a trabalhar num museu e a continuar a estudar o meu tema favorito, História de Arte. A Antropologia entrou na minha vida nessa altura através de uma amiga (que virou madrinha de curso), que estava a frequentar a Licenciatura em Antropologia e que me entusiasmou com as cadeiras e as opções de saída. O curso encaixava-se nos meus gostos, além de ser muito multidisciplinar e de oferecer experiências e aprendizagens com as quais nunca me tinha deparado. Fazia todo o sentido; ligar o conhecimento científico e o património, às relações sociais e à etnografia. Ligar os

aspectos socioculturais ao comportamento humano e à saúde, hoje e no passado. Enfim, era estimulante e por isso foi a minha primeira opção como entrada no Ensino Superior.

A curiosidade em relação a outras culturas e o interesse em estudar o passado já vinha comigo. A Licenciatura em Antropologia ajudou-me a adquirir e a melhorar outras vertentes como a capacidade de observação, de análise, de pesquisa e de pensamento crítico. O pensar o mundo de forma diferente. E o questionar como, e porque é que somos assim. Essas ferramentas são essenciais para compreender, por exemplo, os fatores relacionados com a saúde e o bem-estar, e aplicar esse conhecimento a problemas do mundo real. Apesar do meu interesse inicial na área da museologia, as temáticas da biologia humana e da evolução do comportamento, da influência mútua e dos desafios para a saúde, moldaram o meu percurso académico e profissional, nomeadamente através da ingressão no Mestrado em Evolução e Biologia Humanas e no Doutoramento em Antropologia.

Neste momento sou investigadora postdoc no CIAS, o Centro de Investigação em Antropologia e Saúde da Universidade de Coimbra, onde trabalho com a interligação de três temas: o comportamento sedentário em crianças, a obesidade e a saúde mental. Outras áreas de interesse que tenho, e que são complementares às referidas, são os hábitos alimentares e a atividade física, e a forma como todos estes comportamentos e problemas de saúde estão relacionados uns com os outros assim como com características intrapessoais, interpessoais, económicas, ambientais e governamentais (modelo socio-ecológico). A Antropologia relaciona-se com os meus planos de investigação por integrar os aspetos holísticos – biológicos, sociais e culturais – dos seres humanos, essencial para o estudo da saúde, num contexto local e global.



DAVID SENHORA NAVEGA

A escolha pelo curso de Licenciatura em Antropologia foi uma decisão feita de uma mistura contraditória de assertividade e reticência. Descobri a Antropologia enquanto uma opção séria de curso superior na biblioteca da minha cidade, Anadia, onde costumava estudar. Os volumes de Antropologia de uma coleção da Fundação Calouste Gulbekian eram bem mais interessantes do que me preparar para o exame nacional de Matemática! Essas leituras entrelaçadas com o imaginário que já tinha criado desde muito novo com horas a fio a ver documentários e séries do que seria estudar uma comunidade de um local remoto ou analisar e identificar o esqueleto de vítima de um crime, de uma figura histórica ou até mesmo um antepassado evolutivo colocaram o curso de Antropologia no topo da lista das minhas opções no acesso ao ensino superior. As reticências vieram no dia de preencher a ficha de candidatura ao ensino superior – afinal de contas não conhecia nenhum antropólogo, o que é que iria eu fazer na verdade com este curso? Aproveito para deixar aqui um muito obrigado e uma imensa gratidão aos meus pais que sempre apoiaram esta escolha, principalmente ao meu pai que estava comigo nesse momento e me disse para escolher como primeira opção o que realmente queria e que o resto se resolveria. Vai-se resolvendo!

O curso de Antropologia mais que tudo ensinou-me a aprender, compreender e certamente refinou e educou o meu espírito crítico. Seja sobre um problema biológico ou

sociocultural a licenciatura deu-me um conjunto de ferramentas e conceitos que me permitem refletir e tentar compreender antes de julgar. Curiosamente o curso de Antropologia levou-me a descobrir e a ganhar um gosto renovado e interesse por áreas e ferramentas que não são tipicamente associadas aos antropólogos tais como a programação ou a inteligência artificial. Estas ferramentas são importantes para mim enquanto investigador e deram lugar a colaboração e participação em projetos de outros investigadores impulsionando sem dúvida o meu percurso numa vertente mais académica.

Atualmente trabalho como técnico no Instituto Nacional de Medicina Legal e Ciências Forenses e estou a terminar o Doutoramento em Antropologia Forense. Os planos futuros passam certamente por esta área na qual desde cedo me tenho vindo a especializar e a dar os meus contributos a nível académico. É difícil prever o futuro, mas nele ambiciono e trabalho por uma carreira como perito médico-legal na área de Antropologia Forense sem nunca perder de vista a investigação científica – as técnicas de avaliação do perfil biológico são e serão sempre o meu grande interesse antropológico e académico.

CURSO: 2007-2010



DIOGO CARVALHEIRA

A escolha pela Licenciatura de Antropologia baseou-se numa simbiose entre a incerteza profissional e uma curiosidade pelo

Plano de Estudos. Terminei o ensino secundário com alguns amigos no modo Pós-laboral, vivíamos uma indefinição quanto ao próximo passo na Universidade, e, confesso que quando conheci o Plano de Estudos de Antropologia me entusiasmei. A diversidade temática, o seu plano abrangente sobre o estudo do homem em todas as suas vertentes, vieram de encontro ao gosto que tenho por uma Cultura Geral mais vasta.

Olhando para trás, sem dúvida que há duas ferramentas que perduram do curso e que são essenciais no meu plano profissional atual. Como técnico de uma autarquia, na área do turismo e cultura, a bagagem que uma licenciatura tão “eclectica” como Antropologia permite-nos ter um conhecimento mínimo sobre diferentes temáticas, com o necessário “boost” dado pelo Mestrado, no meu caso em Antropologia Médica. Ainda hoje, aplico a minha dissertação como referência para elaborar contextualização e narrativas no Município de Penacova, fundamentadas em princípios e teorias aprendidas no Mestrado. E por fim, transversal a licenciatura e mestrado, uma ferramenta essencial é o método de pesquisa e todas as metodologias de trabalho que se aprenderam e aplico nas minhas investigações nas áreas onde exerço funções.

Como frisei, o trabalho técnico na autarquia, nas áreas do Turismo e Cultura, obriga-me por vezes a uma metodologia de trabalho cuja base provém dos ensinamentos da Antropologia. Nesse sentido para o futuro o objetivo é continuar a cruzar e também fomentar a vertente académica da Antropologia com uma aplicação prática no mercado de trabalho fora da esfera da Universidade. Como a Antropologia nos oferece uma componente em que é privilegiada a multidisciplinariedade na elaboração de estudos e investigações, é isso que irei continuar a transpor para a minha área profissional atual.



FABIANA DE LIMA FARIA

Eu escolhi fazer a licenciatura em Antropologia porque queria ser cientista social e a Antropologia surgiu como o caminho para aprender a desenvolver uma perspectiva holística sobre a identidade humana e a unidade biológica e diversidade cultural que a caracteriza. Escolhi fazer a licenciatura em Antropologia em Coimbra uma vez que simultaneamente me permitiria aprofundar o meu conhecimento da área social e familiarizar com a vertente biológica.

Um das maiores lições que aprendi durante o curso de Antropologia foi o quão subjetivo tudo é, inclusive nas ciências exatas. Como o espaço social onde crescemos, as nossas relações, os nossos estudos, os media que preferimos, e assim por diante, nos tornam inelutavelmente a pessoa que somos com todos os vieses ('biases') dos quais dificilmente nos livramos. Essa realização tem-me acompanhado ao longo de todo o meu trajeto profissional e pessoal e permite-me cultivar a capacidade de empatizar, e consequentemente colaborar, com pessoas que têm um percurso de vida bastante distinto do meu.

Eu trabalho com a Oxfam, uma organização não-governamental internacional, a apoiar a resposta a crise humanitária derivada da invasão da Ucrânia pela Rússia. Fazer a licenciatura em Antropologia permitiu-me entrar

em contacto com o trabalho humanitário e concluir que esta é a área na qual me quero especializar. No meu dia-a-dia utilizo frequentemente ferramentas que desenvolvi a estudar Antropologia: como analisar um certo contexto e compreender como os diferentes sistemas – de asilo, saúde, acomodação, entre outros – que o compõem se inter-relacionam de modo a poder auxiliar indivíduos e comunidades vulneráveis a navegar estes mesmos sistemas e recuperar a sua resiliência.



FERNANDO MAGALHÃES

A diversidade cultural e a evolução humana sempre me atraíram. Nos anos 80, era ainda miúdo, fascinava-me passar os domingos a ver séries sobre ciência, em particular programas etnográficos ou todo o tipo de filmes que abordassem a nossa diferença cultural e percurso biológico. A RTP2 era o meu Netflix na altura. Por outro lado, a antropologia permitiu-me compreender a minha própria diferença e a de todos nós, e tornar-me num indivíduo mais intercultural, o que é fundamental para construirmos um mundo melhor.

Creio que foram todas úteis as ferramentas aprendidas durante o curso. Não só as do âmbito das aprendizagens teóricas, mas também uma nova vida, que me permitiu crescer

como cidadão e como profissional, do ponto de vista académico. Aprendi a ter um olhar intercultural e a viver na, e, com a diferença! Essa foi a ferramenta mais valiosa do curso.

Do ponto de vista profissional, ainda antes de acabar o curso, já trabalhava em áreas relacionadas com a antropologia! Propus uma empresa ao Instituto Pedro Nunes em consultoria em assuntos culturais, no âmbito de um concurso lançado no segundo ou terceiro ano do curso, e cheguei a ter entrevistas de câmaras municipais e empresas interessadas nos meus serviços. Dei aulas de geografia, de formação profissional, fui técnico superior de uma cooperativa de artesanato e produtos rurais.

A licenciatura foi o início do meu verdadeiro percurso académico e profissional e deu-me oportunidades que outros cursos não ofereciam. Neste momento, digo aos meus estudantes para serem criativos e empreendedores, porque o curso e as vivências de Coimbra foram inspiradores para mim também! Na altura, o corpo docente era jovem, mas muito competente, ainda hoje recordo a maior parte dos professores.

Sou professor de antropologia, no Politécnico de Leiria, há 22 anos, onde fui fundador com José Trindade, Ricardo Vieira, entre outros, do CIID, Centro de Investigação em Identidades & Diversidades. Atualmente, faço parte do Centro em Rede de Investigação em Antropologia. Dou aulas de antropologia em várias áreas, mas especializei-me em museologia e património, áreas em que faço investigação assim como na do turismo cultural. Procuo sempre uma abordagem antropológica. Participo, atualmente, em vários projetos de investigação financiados. Em boa verdade, a antropologia está presente em todas as esferas da minha vida, desde a académica à profissional e pessoal. O futuro será de continuação deste percurso iniciado em 1993.



FLÁVIO SIMÕES

Desde muito novo desejei estudar o Homem como parte integrante do mundo natural, tentando descortinar a sua evolução, percebendo o seu curso ao longo do tempo, de como ganhamos o direito de existir, através de todas as adaptações que foram necessárias à nossa espécie para sobreviver. Com isto comecei por querer o curso de Biologia e só na candidatura ao Ensino Superior, e pesquisando as várias ofertas existentes, me apercebi que existia um curso que estudava em específico o ser humano e a sua evolução na vertente que imaginava.

Sempre considerei o curso de Antropologia muito abrangente, capaz de nos dar uma visão holística acerca da biologia, sociologia e cultura humanas. Senti-me beneficiado ainda com a possibilidade de expandir esse conhecimento para além das ofertas do curso, com as disciplinas opcionais do programa pós-Bolonha. Assim o meu percurso académico permitiu-me perceber, mesmo para o dia-a-dia, muito do comportamento das pessoas, perceber processos biológicos e sociais com maior facilidade e mesmo discursar pragmaticamente contra problemas da nossa sociedade como racismo ou xenofobia. Também o facto de no curso sermos incentivados a apresentar e discursar facilitou o processo de comunicação, ideal para o meu trabalho atual.

Desde o fim de licenciatura que me dediquei à Antropologia Biológica, principalmente como membro de equipas de

arqueologia, trabalhando em contextos onde foram exumados restos biológicos humanos. Sorte ou acaso sempre me foi incumbida a tarefa de Antropólogo Responsável, tendo de aprender as vicissitudes de o ser um pouco por mim.

A minha dissertação de mestrado foi fruto de 8 anos de trabalho num contexto arqueológico com uma diacronia de 900 anos, em Miranda-do-Corvo, trabalho que também possibilitou a execução de outras dissertações, em colaboração com outras pessoas.

Atualmente sou funcionário no Museu da Villa Romana do Rabaçal onde exerço a função de Antropólogo, sendo Codiretor do Sítio Arqueológico de São Simão, responsável pelo material osteológico da Necrópole da Sr.^a da Graça.

Seguro de que sempre serei Antropólogo o meu objetivo é continuar a minha carreira académica, aproveitando as coleções que fui reunindo nestes 12 anos de trabalho, a par de poder contribuir para a formação e o interesse de novos antropólogos.

CURSO: 1993-1997



**FRANCISCA
ALVES CARDOSO**

A Licenciatura em Antropologia foi a minha segunda opção de entrada.

Olhando para trás as ferramentas aprendidas/desenvolvidas durante o curso que foram mais úteis para o meu percurso

foram as competências relacionadas com o trabalho prático de laboratório, afeto ao estudo de remanescentes biológicos humanos, e a capacidade de trabalho em equipa, em contextos arqueológicos de escavação.

Atualmente sou investigadora auxiliar no Centro em Rede de Investigação em Antropologia (CRIA), afeta ao Polo da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, da Universidade Nova de Lisboa (NOVA FCSH). A par de desenvolver trabalho teórico de investigação no âmbito de políticas e práticas da cultura associadas a coleções osteológicas humanas, sou coordenadora de um dos laboratórios do CRIA: LABOH – Laboratório de Antropologia Biológica e Osteologia Humana. Sou ainda docente convidada do Departamento de Antropologia da NOVA FCSH, lecionando disciplinas na área da Antropologia Biológica. Num futuro próximo tenciono continuar a trabalhos no contexto de investigação e ensino, em Antropologia Biológica.



GONÇALO CARNIM

Quando estava a terminar o ensino secundário não tinha ainda uma ideia muito clara daquilo que queria ser no futuro. Recordo-me que no meu 12º ano vi um pequeno livro que falava sobre antropologia. Tinha uma vaga ideia do que poderia ser antropologia, mas só ao folhear o livro percebi realmente que os

temas abordados eram muito vastos. Alguns dos temas pareciam ser bastante interessantes, sobretudo os temas relacionados com a antropologia biológica, a genética e a paleoantropologia.

Quando terminei o 12º ano e chegou, finalmente, o momento de optar por um curso superior voltei a pesquisar sobre antropologia e sobre o programa da Licenciatura em Antropologia. A variedade de temas suscitou-me bastante interesse e, de entre as alternativas possíveis, a Licenciatura em Antropologia pareceu-me a mais fascinante.

Olhando para trás, e recordando o meu percurso académico na licenciatura em Antropologia, tenho a noção que as aprendizagens extrapolaram os conhecimentos adquiridos nas aulas.

A oportunidade de contactar com colegas tão diferentes, com diferentes histórias de vida, com diferentes expectativas e de vários pontos do país enriquece-nos enquanto pessoas e, sem sabermos, na altura, somos já antropólogos observando e participando numa das etapas mais definidoras das nossas vidas. Esta experiência preparou-me para o desempenho da minha atividade profissional enquanto antropólogo forense, uma vez que como profissional, contacto não apenas com outros profissionais forenses dentro da instituição na qual exerço as minhas funções, mas com profissionais forenses de outras instituições, outros profissionais não forenses ou até com o público nas mais variadas situações ou contextos, tanto a nível nacional como internacional.

Para além do desenvolvimento relacional, a Licenciatura em Antropologia dotou-me de conhecimentos técnico e científicos sólidos e capacidade observacional, analítica e crítica para exercer a minha atividade profissional.

Para além das aulas teóricas e práticas, foi-me dada a oportunidade para participar ativamente em contexto de trabalho onde pude aprender e praticar os temas aprendidos nas aulas.

As férias de Verão eram sempre passadas em escavações arqueológicas ou a preparar o material osteológico recuperado para estudos paleobiológicos. Este contacto permanente com o objeto de estudo foi uma das mais valias que esta Licenciatura me proporcionou.

Durante a Licenciatura em Antropologia, cedo percebi que a área científica pela qual sentia uma afinidade especial era a antropologia forense, uma vez que seria uma área em que eu sentia que a antropologia poderia ter implicações reais na vida das pessoas.

Assim que surgiu a oportunidade, ingressei no Instituto Nacional de Medicina Legal e Ciências Forenses, primeiro como técnico ajudante de medicina legal e, posteriormente, a partir de 2008, como especialista superior de medicina legal.

Desde 2008, realizei mais de 390 perícias de antropologia forense envolvendo os mais diversos casos, desde cadáveres em adiantado estado de decomposição, cadáveres queimados, ou totalmente esqueletizados, participei em diversos contextos de incidentes com múltiplas vítimas e colaboro com uma associação espanhola de memória histórica.

Porque os conhecimentos em antropologia forense devem ser sempre melhorados e reciclados, para além da licenciatura em Antropologia, a formação contínua foi reforçada com uma pós-graduação em antropologia forense e um mestrado em medicina legal e ciências forenses.

A experiência académica e profissional adquirida servem para abrir as portas para onde quer que os conhecimentos da antropologia forense sejam mais necessários e as pessoas que vamos conhecendo e as instituições com as quais vamos colaborando ajudam a alcançar os nossos objetivos. Fazer mais e melhor antropologia forense em Portugal ou no estrangeiro, no Instituto Nacional de Medicina Legal e

Ciências Forenses ou colaborando com outras instituições ou pessoas são os meus planos para o futuro.



JOANA BARATA

Apesar de, aquando do meu ingresso no Ensino Superior, me ter candidatado a outros cursos, esta área do saber científico já fazia parte do meu quotidiano devido ao percurso profissional do meu Pai, que trabalhou no Departamento de Antropologia da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra. A minha ligação à Antropologia antecedeu, portanto, a minha entrada na Universidade. Era um curso recente que, apesar de afeto à FCTUC, apresentava um conjunto de unidades curriculares da área científica, mas também da área cultural e social, tendo sido estes fatores determinantes na minha escolha por esta licenciatura.

A multidisciplinidade que constitui a Antropologia, bem como a interdisciplinaridade que a mesma exige, prepara-nos para um percurso profissional em várias áreas do saber, desde as ciências exatas, até às ciências sociais, permitindo-nos também uma perspetiva e uma reflexão acrescidas no universo da Arte e da Estética. No meu caso, os conteúdos apreendidos no âmbito das disciplinas de Museologia, Etnografia e Cultura Material foram e continuam a ser os alicerces do meu percurso profissional.

Há mais de duas décadas que integro a equipa da Divisão de Museologia da Câmara Municipal de Coimbra, serviço responsável pelo Museu Municipal de Coimbra, um projeto polinucleado, e pelo Centro de Arte Contemporânea de Coimbra.

Os diferentes núcleos do Museu têm como missão promover o património histórico e artístico da cidade de Coimbra e incorporam acervos artísticos de qualidade inegável e de valor comprovadamente eclético. Neste âmbito, encarrego-me pela programação cultural dos espaços expositivos integrados no Museu e tenho, também, desenvolvido investigação sobre temas associados às artes e à etnologia, funções que pretendo continuar a exercer no futuro.

Todas as ferramentas teórico-práticas que a Licenciatura em Antropologia me facultou incitam-me ao renovar permanentemente do meu quotidiano profissional, pautado por uma incursão sempre motivada pela multidisciplinaridade e pela interdisciplinaridade, por forma a compreender o Homem na sua complexidade contextual.



JOÃO COELHO

Lembro-me perfeitamente do momento em que me tornei consciente da existência da Licenciatura em Antropologia da UC. Estava numa aula ao ar livre de Educação Física no

12º ano a correr na Mata Municipal de Ansião, quando ia na [ofereço a possibilidade aos caríssimos leitores de inserir aqui o número mais hiperbólico que se lembrarem]-gésima volta, e decidi descansar um pouco numa das mesas de pedra que há na Mata, estrategicamente longe da vista do professor. Entretanto, uma colega minha que também não estava muito contente com o exercício hercúleo pela matina, aproxima-se a abrandar o passo para pôr a conversa em dia comigo. O tópico do diálogo foi a vida pós-secundário e que cursos pretendíamos seguir. É neste momento que me chega aos ouvidos pela primeira vez que há esta tal Licenciatura de Antropologia em Coimbra. Apesar de estar a fazer o secundário pela vertente das ciências, eu era uma pessoa definitivamente com fortes interesses nas áreas sociais, e com saudades de disciplinas como História—que eu não tivera desde outros níveis de ensinos, mas que sempre me agradara. Foi neste momento que peguei também pela primeira vez naqueles mini caderninhos ou panfletos glorificados, com os programas das licenciaturas no país, que a minha colega estranhamente carregava na mão, enrolada, como se de uma estafeta se tratasse.

Foi-me bastante claro, apesar de na altura estar mais a imaginar-me a seguir algum curso que permitisse trabalhar em desenvolvimento web ou design de plataformas e apps, etc., que dentro das ciências, a antropologia era a que poderia ser mais interessante para mim, seguida de geologia e de biologia. É talvez importante referir, que na época eu era um naturalista amador, com uma forte panca por fósseis, como os de amonites que são abundantes na minha região, mas também por insetos, que eu fotografava às centenas por mês e tentava identificar com manuais e artigos que encontrava online. Além disso eu era um ávido consumidor de documentários

na SIC ao domingo, e da revista da *National Geographic*. Olhando para a lista de cadeiras as possibilidades começaram a arrebentar na minha cabeça. Paleoantropologia: poderia eu fazer uma vida a procurar fósseis de antepassados humanos no rift? Primatologia: poderia eu meter-me pelas florestas tropicais adentro e estudar chimpanzés como a Jane Goodall? Antropologia forense: podia começar com um pé aqui e depois saltar para a entomologia forense, e fazer da minha obsessão por escaravelhos uma carreira? Etc., etc., etc. As possibilidades pareciam ilimitadas e absurdamente fascinantes. Comecei a dizer a todos os professores e familiares que me perguntavam incessantemente na altura “então pá, já escolheste o curso?” que sim, e que ia ser antropólogo, quase num tom de brincadeira inicialmente, mas a brincar, a brincar...

É muito difícil escolher uma metodologia ou técnica em particular, visto que é a estrutura holística e integrada do curso como um todo que é o ponto forte da licenciatura. As disciplinas pelas quais enveredei e as que estou mais ligado são a paleoantropologia e a antropologia forense. Porém, os projetos e trabalhos em que estou inserido atualmente são bastante dinâmicos e interdisciplinares, o que me leva a cooperar de forma contínua e direta com cientistas forenses, engenheiros informáticos, sedimentólogos, geoquímicos, ecologistas, espeleólogos, geneticistas, paleobotânicos, paleontólogos, arqueólogos e primatólogos. Esta amplitude só me é permitida por ter tido as experiências que tive num curso que não obriga a uma especialização imediata, e mantém várias portas de interesses abertas, dando ainda assim um nível de formação avançado em vários tópicos muito diversos. Adorei todas as cadeiras na metade mais social e cultural do curso, e ajudaram-me muitíssimo a estruturar o meu pensamento do mundo contemporâneo. Fui daqueles alunos que ficou muito dividido e com muitas dúvidas na hora

de escolher o mestrado. Mas acabei por trepar o tronco mais biológico da antropologia, e sendo assim, posso falar um pouco mais detalhadamente sobre o que a licenciatura oferece nessa metade. Como trabalho muito próximo com investigadores de ecologia e etologia em primatas, as cadeiras relacionadas ao estudo do comportamento, que são várias e são muito aprofundadas, deram-me as ferramentas ideais para ser capaz de fazer a ponte e colaborar em projetos liderados por primatólogos. Aliás e só a título de exemplo, estou em vários manuscritos, uns prestes a ser submetidos, outros no prelo, que vão desde investigações de carnivoría em macacos-capuchinhos, passando por potenciais comportamentos culturais em babuínos, e até mesmo análise de comportamento de risco em chimpanzés. Todos estes tipos de estudos acabam por ter grande impacto na forma como entendemos evolução humana a partir de animais modelos, um conceito que me lembro muito bem de quando o aprendi a primeira vez na Licenciatura em Antropologia. Mas é impossível, quando falamos em ferramentas ou pontos fortes, não mencionar as grandes coleções de esqueletos hospedadas no Departamento de Ciências da Vida, que são sem dúvida, o ex-libris pedagógico ao nível da licenciatura. A formação em anatomia e nas suas diversas aplicações antropológicas que nos é dada pelos professores da licenciatura, em conjunto com este acervo osteológico, é algo ímpar.

Neste preciso momento, estou numa *Research Cabin* em Chitengo, no Parque Nacional da Gorongosa, em Moçambique. Encontro-me a terminar este texto, para o qual já quebrei com a deadline de entrega que me foi proposta. Estive as duas últimas semanas a ensinar uma cadeira ou módulo de Evolução para o Mestrado em Biologia da Conservação que é ensinado exclusivamente aqui dentro do Parque ao longo de 2 anos. Já as próximas duas semanas,

o que podemos chamar de futuro próximo, estarei aqui no campo, a escavar aqueles que são os primeiros sítios fósseis encontrados na extensão sul do Vale do Rift, com a equipa *PaleoPrimate Project Gorongosa* (PPPG), e um grupo de alunos da Eduardo Mondlane em Maputo que vieram participar na *Field School* que organizamos aqui.

De momento, sou um aluno de doutoramento em Oxford, provavelmente no último ano do programa, se tudo correr como planeado, e sou coorientado pela Professora Susana Carvalho, que também é a diretora do PPPG, e pelo Professor Robert L. Anemone. Enquanto escrevo isto, ambos se encontram aqui em Chitengo também. O meu projeto de tese é um pouco complexo e envolve vários subprojectos, mas uma componente grande tem a ver com detetar novos sítios fósseis. Aqui na Gorongosa, a existência de sítios fósseis é uma descoberta relativamente recente. Eu aplico técnicas computacionais que nos permitem treinar algoritmos para identificar sítios fossilíferos a partir de imagens de satélite. E já encontrámos vários aqui, utilizando este método, na floresta de Miombo da Gorongosa. Durante os próximos dias tentaremos encontrar muitos mais. Também no âmbito da tese, já usei métodos similares para fazer reconstrução a larga escala de características paleoambientais do Lago Turkana no Quênia. Esta técnica tem potencial para ser utilizada em várias regiões de interesse paleontológico no mundo.

Não sou muito uma pessoa de planear o futuro, e não vou fazer disto uma resposta àquelas perguntas típicas de entrevistas de emprego, do tipo “onde é que se vê daqui a cinco anos?” ou do género. Claro que normalmente estou numa missão, e pondero novos desafios, mas tento estar ao máximo presente e para isso é preciso viver um dia de cada vez (e assim escapei elegantemente dum clichê para tropeçar noutra), até porque

enquanto gostar do que estou a fazer, não tenho razões para mudar muito o esquema, a não ser que as circunstâncias obriguem. Acima de tudo, gostaria de continuar a fazer trabalho de campo em sítios como a Gorongosa e o lago Turkana pelos próximos anos. Mas também há muitos outros sítios interessantíssimos a visitar. Não sei o que me espera, embora que ao longo do doutoramento me tenha afeiçoado mais e mais à disciplina da paleoecologia, que pretende no fundo reconstruir os ecossistemas do passado. Acho que é preciso vários avanços neste ramo, e penso que todos os que se interessam por evolução humana beneficiarão disso. Espero que o meu futuro passe por fazer mais disto, o que estarei a fazer agora mesmo nos próximos dias, e em mais sítios, e em várias épocas do tempo profundo. Assim sendo, continuarei um antropólogo feliz.



MARIA JOÃO NEVES

Escolhi a licenciatura de Antropologia logo depois de ter concluído a licenciatura em Arqueologia. Tinha já tomado contacto com alguns temas da Antropologia Biológica, nomeadamente os relacionados com o estudo do esqueleto humano (e as suas enormes potencialidades) e da Evolução humana. Eram (e são) temas apaixonantes para mim e tinha um desejo muito forte de aprofundar os meus conhecimentos e fazê-lo duma forma sólida, ao longo duma licenciatura. Poderia ter optado

por me candidatar ao mestrado em Evolução Humana, mas desejava realmente adquirir conhecimentos e uma formação de base em Antropologia. Quando entrei no curso e após o contacto com os temas da Antropologia Social e Cultural e com os temas mais específicos da Antropologia Biológica tive a certeza que esta escolha tinha sido a acertada. Realizei o curso sempre enquanto trabalhadora-estudante e a conciliação de ambos os mundos (os dois muito exigentes) nem sempre foi fácil, mas no fim foi conseguida com sucesso.

Todos os conhecimentos relacionados com a Antropologia funerária, Arqueotematologia e o estudo do esqueleto humano vieram a ser fundamentais para desenvolver a minha vida profissional enquanto responsável pela direção de trabalhos de salvaguarda do património arqueológico e antropológico. Estes conhecimentos e as ferramentas com eles relacionadas foram depois também determinantes para ter ingressado e concluído o doutoramento em Antropologia Biológica.

Adicionalmente levo do curso de Antropologia os ensinamentos da Antropologia acerca da diversidade humana tanto biológica como social e cultural. Com efeito, considero que um dos pontos mais fortes do curso é o de dotar os e as estudantes das noções relacionadas com o eurocentrismo (e o antropocentrismo), basilares para se compreender o mundo atual e pós-colonial. A perspetiva ampla sobre a contemporaneidade, incluindo, por exemplo, os aspetos relacionados com a Antropologia da Biomedicina foram também fundamentais para o desenvolvimento da minha carreira.

E por fim, não posso deixar de referir que ainda mais importante do que os pontos acima descritos foi a oportunidade que o curso me deu de fazer e sedimentar ao longo destes anos um conjunto de amizades que contribuiram sempre para a solidificação do meu percurso científico.

Presentemente sou a gestora da Área Estratégica da Saúde da Universidade de Coimbra. Os conhecimentos e as ferramentas que adquiri durante o curso relativos à Biologia Humana, à nossa História Evolutiva, ao conhecimento relativo à evolução da nossa saúde, da doença, as noções relativas à Antropologia da Biomedicina são alguns dos pilares que hoje me são fundamentais para exercer a minha atual função. O desenvolvimento e o interesse pela investigação foram determinantes para ter adquirido as competências necessárias e uma perspetiva necessariamente interdisciplinar, basilar para o exercício da gestão da Área Estratégica na UC. Aqui apoio os investigadores e as investigadoras da área da Saúde na identificação e submissão de candidaturas a financiamento internacional (preferencialmente europeu) de relevo, visando contribuir para a afirmação de uma investigação de excelência na UC.

CURSO: 1992-1998



MARIA JOSÉ DE ABREU

A licenciatura em Antropologia não foi bem uma escolha de antemão. Eu tinha acabado o liceu com boa nota a matemática no curriculum (juntamente com Geografia e Inglês) e na altura a entrada para Antropologia em Coimbra requeria 50% da média de matemática de 12ºano. A minha decisão foi mais pragmática do que informada. Eu queria entrar na universidade e descobrir o meu caminho uma vez dentro do sistema. A minha escolha

pela Antropologia Cultural (e com a qual hoje totalmente me identifico) só aconteceu no meu segundo ano do curso, quando comecei a fazer ligações mais profundas e significativas com os cursos e professores do meu primeiro ano no Instituto de Antropologia de Coimbra e do meu ano de Erasmus na Universidade de Amesterdão.

Sem dúvida, as aulas e obras dos Professores Carlos Alberto, Susana Viegas, Nuno Porto (todos no meu primeiro ano) e do Professor Luís Quintais (onde me foi introduzido o trabalho “Veiled Sentiments” de Lila Abu-Lughod e que hoje é minha colega em Nova Iorque) assim como do Professor João Vasconcelos (também no meu 3º ano) foram absolutamente determinantes no formatar de interrogações que persigo até hoje.

O professor Carlos Alberto, com o seu entusiasmo e rigor, racionalidade e humor, conhecimento e imaginação, foi de facto de enorme influência para mim (e penso que para outros dos colegas do curso). O sílabos do curso por ele lecionado (que se a minha memória não falha se chamava “Antropologia e História”), que incluíam nomes da antropologia como Robert Borofsky com “Pigs for the Ancestors (1968), Roy Rapaport com “ Making History: Pukapukan and Anthropological Constructions of Knowledge (1987) e, claro, o influenciável Johannes Fabian “Time and the Other: How Anthropology Makes its Object” (1983), foram na altura um enorme desafio para alunos do primeiro ano, recém-saídos do liceu, mas a longo prazo- e muito graças à sua pedagogia de rever o argumento essencial de um livro por diferentes ângulos e “por outras palavras”- acabou por deixar marcas indeléveis no trajeto futuro. No último caso em particular, o livro “Time and the Other” foi tão determinante na forma de eu me questionar que no segundo ano fui para a Universidade de Amesterdão, no âmbito do programa Erasmus, para ter aulas com o Johannes Fabian (o qual mais

tarde fez parte do meu comité de doutoramento) que lecionava ali. De igual forma influente e marcante, a professora Susana Viegas com o seu conhecimento profundo e sofisticado de antropologia clássica e pós-estruturalista à luz do presente, assim como o Nuno Porto, com o seu trabalho sobre o Dundo, e a indústria de extração e circulação de diamantes (cheguei mesmo a trabalhar como auxiliar numa exposição que fez no instituto sobre essa temática). Para além disso, o empenho e vasto conhecimentos de Nuno Porto do ramo de cultura material, em coordenação com outros antropólogos como Anthony Shelton e Mary Bouquet, foram grandes mobilizadores de interesses na conjuntura do grupo pioneiro na Antropologia em Coimbra. Foi de facto um tempo pioneiro.

Presentemente, sou professora assistente no Departamento de Antropologia da Universidade de Columbia, Nova Iorque. Em 2022-23 tomarei o cargo de DUS (*Director of Undergraduate Studies*) do Departamento e Codiretora do *Center for Comparative Media*, na Universidade de Columbia. Após a publicação de uma monografia sobre um movimento religioso no Brasil, estou agora a trabalhar numa segunda monografia sobre Portugal no contexto pós-crise 2007. O projeto consiste numa coleção de ensaios para pensar etnograficamente, por vários ângulos da antropologia e da economia política, a ideia de impasse e sua relação com o conceito de possibilidade. Um outro projeto que estou agora a iniciar é uma espécie de viagem, trans-geográfica e trans-histórica, relativa a partes do mundo Lusófono- Atlântico. Os textos da Jamaicana Sylvia Wynter são centrais nesta pesquisa assim como literatura de viagens e outras obras canónicas da literatura portuguesa. De carácter interdisciplinar, a Antropologia continua a formar o eixo principal na pesquisa. Sou também membro editorial do *Journal of de Public Culture*, que publica textos de Antropologia Cultural.



NATHALIE ANTUNES-FERREIRA

Até 1994 não tinha equacionado seguir uma licenciatura em Antropologia. Pensava que a Antropologia se debruçava apenas sobre o estudo de povos, designadamente a sua cultura, religião e aspetos sociais. Portanto, conhecia apenas a área da Antropologia Social e Cultural (etnologia, dada a minha origem francófona). Por conseguinte, a Antropologia não foi a minha primeira opção quando me candidatei ao ensino superior. No entanto, assim que começaram as aulas na área da Antropologia Biológica e o estudo de esqueletos humanos entusiasmei-me pelo curso e decidi enveredar por essa área.

Todas as disciplinas contribuíram para a profissional que sou hoje. Trabalho há 23 anos nas áreas da Antropologia Biológica e da Arqueologia. No estudo das necrópoles antigas temos de relacionar conhecimentos de diversas áreas. Os remanescentes esqueléticos e o contexto funerário onde estes se inserem constituem uma valiosíssima fonte de informação sobre biologia e cultura, pelo que a perspetiva holística proporcionada pela interdisciplinaridade e complementaridade dos conhecimentos adquiridos ao longo da licenciatura tem sido imprescindível para o conhecimento das populações pretéritas.

Sou docente no Instituto Universitário Egas Moniz e coordenadora científica em intervenções arqueológicas de necrópoles. Sou, também, coordenadora do Gabinete de

Biologia e Identificação Humana no Laboratório de Ciências Forenses e Psicológicas Egas Moniz e formadora em workshops e cursos, a pedido de diversas instituições públicas e privadas.

A Antropologia faz parte do meu cotidiano acadêmico e profissional. Planeio continuar a investir na minha formação na área da Antropologia, permitindo atualizar-me e abraçar novos desafios.



PATRÍCIA FERRAZ DE MATOS

O meu interesse pela antropologia chegou através da filosofia e de algumas leituras que fiz, ainda no liceu, nomeadamente de livros de Edgar Morin, como “O Paradigma Perdido: A Natureza Humana”. Por um lado, desejava perceber de onde vimos e como e porquê chegámos aqui. Por outro lado, tentar compreender a diversidade humana e os seus desafios, entender diferenças e rivalidades, mesmo entre pessoas do mesmo país ou família, sempre constituiu para mim um grande estímulo.

O que aprendi durante o curso ajudou-me a perceber as pessoas e as comunidades de outra forma. Percebi que eu própria tinha vários preconceitos e o curso ajudou-me a desconstruir ideias preconcebidas e mitos. Passei a ver

a realidade (e a analisar os factos) de uma forma mais relativa. Tive também uma melhor percepção de mim própria – mulher, branca, cidadina, europeia – e do que isso significava ou podia significar num contexto global de diferenças. Por essa razão, e por outro lado, o curso deu-me ferramentas para defender argumentos de forma mais instruída e fundamentada.

Presentemente, sou Investigadora Auxiliar no Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa na área da antropologia. Tenho trabalhado sobre a história da institucionalização desta disciplina nas universidades e a sua relação com sociedades científicas e museus. Procuo compreender como esta disciplina tentou responder a várias questões e os seus contributos científicos (embora também com falhas no seu percurso) e procuro compreender por que razão sob o mesmo nome – antropologia – decorreram iniciativas tão diferentes em distintos locais – instituições, países e continentes.



**PEDRO JOSÉ
PEREIRA FERNANDES**

Sempre me interessei por várias áreas do conhecimento que vão desde a genética, psicologia, sociologia, neurociências, física quântica, entre outras. A meu ver e sem muito

brilhanismo ou originalidade, a antropologia é o estudo do Homem nas suas componentes social, cultural e biológica. É uma ciência que estuda o ser humano de modo amplo. Assim, podemos dizer que a beleza da antropologia está em tudo o que nos rodeia. Por conseguir ser abrangente e ao mesmo tempo inclusiva, achei que seria uma forma ideal de começar o meu percurso académico.

O campo da antropologia desafia-nos a considerar as muitas maneiras pelas quais a vida das pessoas é moldada por relações sociais, imagens culturais e “forças” históricas. Ajuda-nos a ficar familiarizados com conceitos tão atuais como construção da identidade individual, género e sexualidade. Ajuda na discussão de conceitos como doença e cura, parentesco, religião, evolução, entre outros. Acho que a melhor resposta que poderia dar seria “Como poderia eu não escolher Antropologia?”.

É importante referir que quando se fala em Antropologia, surgem dúvidas (e muitas) naquilo que diz respeito à empregabilidade. O leque de opções é diverso apesar de haver uma ideia não muito favorável em relação a este tópico em questão. A verdade é que o antropólogo pode trabalhar como investigador ou em organizações não-governamentais e humanitárias, museus/autarquias e parques naturais, instituições públicas e privadas, instituições internacionais de ajuda ao desenvolvimento, turismo e património, entre outros.

Gosto de refletir sobre isso várias vezes no meu quotidiano. Acredito que a licenciatura me fez crescer a vários níveis. Em termos intelectuais e de competências sociais e pessoais. Por ser uma área tão abrangente, não nos restringe os caminhos que podemos seguir no futuro. Acredito que o curso potenciou a minha capacidade criativa e aquele

pensamento “outside the box”. Fez-me ver o mundo com outros olhos. Sem dúvida tornei-me a pessoa que sou hoje muito pelo que aprendi na licenciatura. Obviamente que a componente biológica do curso, me serviu mais em termos de mestrado e agora no doutoramento. Ainda assim, a componente social é apaixonante! No meu quotidiano vou explorando esta componente. Penso que a minha capacidade de realizar apresentações orais (estar mais à vontade) foi melhorada durante a licenciatura.

Depois da licenciatura em Antropologia, ingressei no mestrado em genética molecular e sou atualmente estudante do segundo ano do programa doutoral em biologia molecular. No meu mestrado testei dois compostos de ruténio funcionalizados, em linhas celulares de cancro colorretal para perceber qual seria o seu potencial. Estas funcionalizações tinham o objetivo de aumentar o “target” destes compostos tornando-os em teoria mais seletivos para o local do tumor, tendo em consideração os efeitos secundários dos agentes de quimioterapia atuais. Nesse sentido e no meu ponto de vista, a Antropologia está presente. Um dos pontos cruciais e mais atuais da antropologia social, tenta mostrar-nos como o antropólogo deveria ser um participante ativo no meio social em vez de meramente o descrever. Assim, penso que fazer parte desta luta que transcende fronteiras e que está presente com maior ou menor intensidade na vida de todo o ser humano atual, é uma forma de conseguir precisamente isso que referi. O meu doutoramento está mais ligado a ferramentas bioinformáticas. Nesse sentido, no futuro pretendo servir-me tanto das competências ganhas no mestrado e no doutoramento para prosseguir na área de investigação em cancro e tudo o que for ligado a doenças neurodegenerativas.



RICARDO A.M.P. GOMES

Apesar de soar profundamente a clichê, em estrito rigor, não fui eu quem escolheu a Licenciatura em Antropologia, foi antes ela que me escolheu a mim. Não foi a minha primeira opção no concurso à Universidade, já que as minhas preferências estavam direcionadas para cursos na área da Saúde. Como muitos de nós provavelmente já ouvimos, isto era, à altura, uma garantia de melhor sucesso. Antropologia era a terceira opção, e foi escolhida porque o plano oferecido pela Universidade de Coimbra, onde sempre quis estudar, parecia ser a combinação perfeita entre disciplinas que muito me interessavam, a Biologia e a História. Contudo, esta terceira opção estava longe de ser uma realidade. Quando fiquei colocado na Licenciatura, tinha a perspectiva de ver como era para depois mudar de rumo, coisa que até hoje nunca aconteceu. Naquele então, ouvia colegas e amigos falarem dos cursos deles, e percebia que só eu tinha de explicar quando me perguntavam infindáveis vezes: “O que é a Antropologia?” No início, era uma pergunta que me enfadava verdadeiramente; depois, comecei a gostar de responder, porque comecei a formar a minha visão da Antropologia. Por isso, digo que a Antropologia me escolheu. Antes de saber o que era, já estava completamente embrenhado e interessado no que tinha para oferecer. O primeiro ano foi uma aventura em termos

de conhecimento. Era tudo novo, tudo profundamente interessante, e, aos poucos, fui percebendo que a minha mente estava a descobrir um novo mundo, que nem era assim tão novo, sempre lá esteve, mas a minha visão das coisas estava a mudar. No início, sem perceber, e depois já com maior sensibilidade, percebi que a Licenciatura me tinha dado ferramentas para perceber o mundo de uma outra forma, para colocar outras perguntas, para observar, escutar... Na verdade, penso que escolhi a Licenciatura em Antropologia já no terceiro e último ano, quando percebi que este era o meu lugar e era (e continua a ser) quem eu quero ser.

Já lá vão 15 anos desde que entrei no curso de Antropologia, e apesar deste balanço me parecer mais fácil já com alguma distância, foi árdua tarefa. Sinto que existem, pelo menos, duas dimensões essenciais que o curso de Antropologia na Universidade de Coimbra me ensinou. A primeira dimensão está associada com habilidades teóricas, metodológicas e técnicas da disciplina. Particularmente na minha área de especialização, a Antropologia Biológica, estou certo de que recebi as bases necessárias para perceber o ser humano e o seu entorno, particularmente no que diz respeito à biologia do esqueleto. Ou seja, penso que o curso me permitiu chegar ao mundo de trabalho com bastante segurança nos meus conhecimentos. A segunda dimensão, esta talvez mais subjetiva e de difícil descrição, é a perceção do mundo. Aprendi a ter um olhar crítico, a não assumir uma verdade só porque sim, a questionar e sobretudo, a querer saber sempre mais. Penso que quando a Antropologia entra verdadeiramente em contacto connosco, torna-nos inquietos. Ao mesmo tempo, fez-me também estar atento ao que se passa à

minha volta, a observar e não menos importante, a pensar. A Antropologia, de alguma forma, funde-se com a nossa prática quotidiana e com a nossa personalidade, como se ela se moldasse a nós e nós a ela. Irremediavelmente, começamos a ver mais além, e, uma vez que se começa, não há volta atrás. Por fim, e particularmente, a Antropologia na Universidade de Coimbra deu-me a noção de escola, de sentir que todas as ferramentas que me foram entregues foram construídas e sedimentadas no tempo por várias pessoas. Tudo isto foi posto à prova quando tive a oportunidade de ser professor de Antropologia na Universidad de Concepción, no Chile. O gosto pela Antropologia fez-me mudar de país e de continente, numa experiência que durou 5 anos e que tanto valorizo. Apesar de lecionar e investigar num contexto diametralmente diferente daquele em que me formei, percebi que tudo o que me tinham ensinado estava dentro de mim e saiu quando foi necessário. Foram várias as vezes em que ouvi os meus Professores na minha cabeça, o que me foi ajudando a trilhar o meu próprio caminho e a ensinar o que eles me tinham ensinado. Se, por um lado, me senti preparado para partilhar conhecimentos no meio académico, por outro, também me senti preparado como pessoa, com as habilidades suficientes para me integrar num espaço completamente novo, com diferentes ritmos e até padrões culturais. No momento em que estou hoje, estou certo de que tal não poderia ter sido possível sem tudo o que aprendi e desenvolvi graças à minha formação como Antropólogo.

Atualmente, continuo vinculado com a Antropologia, já que estou a frequentar o Doutoramento na Universidade de Coimbra. Depois de uma longa jornada no Chile, fora

de casa, pareceu-me que chegara o momento de regressar a Portugal e à alma mater. Fazer o Doutoramento sempre me pareceu um passo importante e necessário no percurso académico que eu gostaria de construir. Quando as condições se reuniram para tal acontecer, a Antropologia na Universidade de Coimbra pareceu-me, novamente, a melhor opção. Os planos a curto prazo, ou melhor, o plano, é acabar a tese. Sem qualquer dúvida que este é o objetivo neste momento. Depois deste passo concluído, as perspetivas não são tão claras. Apesar da grande incerteza, e com a consciência de que o caminho laboral da Antropologia não será o mais fácil, o grande desejo continua a ser trabalhar em Antropologia. Idealmente, gostaria de continuar ligado à investigação, particularmente em temas onde a Antropologia Biológica se conecta com a sociedade, ilustrando como o estudo do passado é fundamental para a compreensão de questões atuais. Depois da experiência no Chile, percebi também que ensinar é algo que me preenche, acho que é uma atividade altamente gratificante, e que gostaria de continuar a fazer. Como me parece que Antropologia continua a ser uma parte central da minha vida, sinto-me na disposição de voltar a sair de Portugal à procura de uma oportunidade. O desafio que significa sair da nossa zona de conforto é algo que me agrada, já que me permite ter contacto com novas realidades e perceber como a disciplina é trabalhada em várias partes do Mundo. Dito isto, por mais planos que possam eventualmente ser delineados, não são grandes as certezas que tenho para o futuro. Confio, isso sim, que a Antropologia continuará a fazer parte da minha vida, de uma ou outra forma. Estou profundamente convencido de que uma vez Antropólogos, jamais o poderemos deixar de ser, mesmo que quiséssemos.



RITA RASTEIRO

Olhando para trás não sei porque escolhi Antropologia, mas desde pequena que tenho curiosidade sobre a evolução da nossa espécie e como vivem outras culturas. Esta curiosidade foi alimentada pelos meus pais que gostam de viajar e visitar museus de História Natural, Arte e Etnologia, entre outros. O curso de Antropologia em Coimbra parecia combinar estes dois aspetos.

Olhar para a nossa espécie não só como uma entidade biológica, mas que vive em sociedade e tem cultura foi uma das ferramentas que mais me foi útil no meu percurso científico. Foi algo que me ajudou enquanto aluna de doutoramento em Genética das Populações, no Instituto Gulbenkian de Ciência, e mais tarde como investigadora. Ajudou-me a consolidar os meus interesses científicos e a estudar a influência da cultura e estrutura populacional nos padrões de diversidade genética humana, assim o impacto do Homem na diversidade genética de outras espécies.

Desde que terminei o meu doutoramento, tenho sempre trabalhado em Universidades do Reino Unido. O curso de Antropologia em Coimbra preparou-me para trabalhar em equipas multidisciplinares (biologia, arqueologia, história, matemática) e com colegas de outras culturas.

Como investigadora, desenvolvi e ajudei a desenvolver métodos e ferramentas computacionais para analisar dados

genéticos e responder a diversas hipóteses relacionadas com o passado evolutivo das populações ou para identificar variantes genéticas associadas a uma doença específica. É algo que gosto de fazer e por isso, este ano, aceitei uma posição na Unidade de Epidemiologia Integrada da Universidade de Bristol, como “Research Software Engineer”.

No futuro, gostaria de voltar a Portugal e, quem sabe, voltar às minhas raízes e trabalhar num projeto mais relacionado com Antropologia Biológica.



RUI MARTINIANO

Penso que a minha curiosidade acerca de temas relacionados com a antropologia se desenvolveu através da leitura, da música e de documentários que preencheram os meus tempos livres durante a adolescência. Estes criaram em mim um fascínio perante a diversidade cultural e biológica da nossa espécie e a ambição de me tornar investigador em alguma área da Antropologia que me permitisse debruçar nesses tópicos.

Foi no Departamento de Antropologia que, quase por acidente, iniciei a minha carreira em genética populacional. Apesar de ter desenvolvido um gosto especial pela área da antropologia evolutiva, acabei por enveredar pela genética devido a uma oportunidade de investigação que surgiu no

Laboratório de Genética do Departamento de Antropologia, com a supervisão do Dr. Licínio Manco.

Durante o tempo que estudei Antropologia aprendi várias técnicas fundamentais de genética molecular que me foram úteis mais tarde, mas talvez mais importante que isso terá sido o gosto pela genética humana que desenvolvi durante esse período e que definiu o meu percurso académico. Foi também durante a licenciatura que adquiri conhecimentos em várias áreas da Antropologia que facilitaram a minha integração no grupo de investigação de antropologia, genética e paleoecologia do qual faço parte.

Presentemente, sou professor assistente de genética humana na *Liverpool John Moores University*, no Reino Unido. A antropologia ocupa um lugar central nas disciplinas que leciono e na minha investigação. O foco principal do meu trabalho é o de investigar a história das populações humanas através da análise de genomas antigos. O DNA antigo contém informação fundamental acerca do passado evolutivo da nossa espécie e, quando integrado com dados arqueológicos, permite reconstruir eventos demográficos que contribuem para a formação das populações humanas.

Durante os últimos 10 anos trabalhei em vários projetos de investigação, incluindo acerca de genomas do Neolítico e Idade do Bronze Portugueses em colaboração com investigadores da Universidade de Coimbra (que foram meus professores durante a minha licenciatura em Antropologia), e também acerca de populações pré-históricas da estepe euroasiática, da Irlanda e Reino Unido, entre outros.

Os meus planos de investigação futuros estão relacionados com a análise de genomas antigos da Arábia, um projeto que desenvolvi e que foi financiado pela National Geographic. Também tenciono voltar a analisar genomas

antigos portugueses pois ainda há muito para desvendar acerca da pré-história do nosso país.



SUSANA DE NORONHA

Conhecia a ciência, mas desconhecia o “desenho” da licenciatura, o seu recorte. Na primeira semana de aulas, sentada nas suas cadeiras, afirmei que “nunca trocaria a antropologia por outro curso, mesmo que me fosse oferecido de bandeja”. Foi a frase que usei, sabendo que as “palavras fazem coisas”, são ferramentas. Sentia e sabia que a licenciatura era feita para mim, da antropologia da arte aos estudos de cultura material, passando pelos textos de antropologia médica, das experiências saídas do corpo, ganhando voz. Estava ali tudo o que me movia desde criança, gentes daqui e de outros lugares, objetos com estórias dentro, fotografia e desenho etnográfico numa versão espalmada do mundo, arte saída da parede, mexendo na vida, o poder da palavra, da dita à escrita, tudo o que podia criar com uma ciência que não era apenas “boa para pensar”, mas boa para fazer, para lá das páginas.

O meu trabalho de investigação, marcado pela inter(in) disciplinaridade, olhando para o passado, tem sido encontrar a continuidade indivisa onde nos dizem que existem linhas de separação, uma abordagem que só é possível abastecendo-me do pensamento crítico da antropologia. Falo das linhas

que dividem ciência e arte, gente e coisas – objetos, no sentido mais literal da palavra. Nos últimos 19 anos, tenho-me dedicado a analisar a arte e a cultura material e visual do cancro, centrando-me no conhecimento incorporado e agência criativa das mulheres e artistas que o vivem. Usando a matriz dos ensinamentos da antropologia, cunhei os meus próprios conceitos, entendendo a arte como um “pedaço de experiência”, a doença como uma realidade “modular”, uma montagem experiencial onde os objetos se encastram, apontando para o contorno de uma outra ontologia, epistemologia e metodologia, uma “terceira metade das coisas e do conhecimento”, onde espaços, objetos, gente, experiências e saberes se completam mutuamente.

No presente, sou Investigadora e Professora no ensino superior, partilhando o que aprendi, mostrando o que fica nas entrelinhas. No meu trabalho mais recente, criei uma nova metodologia – o “desenho etnográfico criativo”. Misturo conhecimento experiencial, palavra dita, antropologia e arte, evitando hierarquias, reinventando a ciência social e a ilustração científica, juntando-lhes a metáfora e a imaginação. Procuo dar forma àquilo que as palavras nem sempre podem mostrar, para uma ciência que para além de lida, possa também ser vista e sentida, alargando o que a antropologia e a sociologia podem fazer, ambicionando uma ciência que sente, imagina e cria e uma arte etnográfica que analisa, sabe e faz. No futuro, do próximo ao distante, lá longe, sabendo que o plano é desnivelado, quero entender outras doenças, continuar a trazer a arte para dentro das folhas A4 da ciência, estender a antropologia para fora da margem onde fica a (in)disciplina, ouvir as pessoas, aquilo que sabem, o muito que precisam. Quero continuar a fazer ciência e não troco a antropologia por nada, pois sinto e sei que nela cabe tudo!

DOCENTES

DO DEPARTAMENTO
DE CIÊNCIAS DA VIDA
COM LICENCIATURA
EM ANTROPOLOGIA
PELA UNIVERSIDADE
DE COIMBRA



GONÇALO D. SANTOS

Gonçalo D. Santos é professor de antropologia social-cultural e é o coordenador do programa de doutoramento em antropologia do Departamento de Ciências da Vida da Universidade de Coimbra. É ainda Investigador Integrado no CIAS—Centro de Investigação em Antropologia a Saúde onde coordena o grupo de pesquisa sobre “Tecnociência, Sociedade e Ambiente.” Foi professor e investigador de antropologia social na *London School of Economics* no Reino Unido, no Instituto Max Planck de Antropologia Social na Alemanha, e na Universidade de Hong Kong. É um antropólogo especializado no estudo da China contemporânea, tendo mais de duas décadas de experiência de trabalho de campo em zonas rurais e urbanas. A sua pesquisa explora novas abordagens críticas a questões de modernidade, desenvolvimento, e transformação social e tecnológica na China contemporânea. Entre as suas obras recentes destacam-se: *Chinese Village Life Today* (Univ. of Washington Press, 2021) e *Transforming Patriarchy. Chinese Families in the 21st Century* (Univ. of Washington Press, 2017). O seu trabalho tem sido publicado em revistas importantes de antropologia, estudos asiáticos, e estudos sociais de ciência e tecnologia, incluindo *Journal of the Royal Anthropological Institute*, *Current Anthropology*, *HAU: Journal of Ethnographic Theory*, *Modern Asian Studies*, e *Technology and*

Culture. É o fundador da Rede de Pesquisa Internacional Sci-Tech Asia, e é um membro convidado de um grupo de pesquisa da Initiative for U.S.-China Dialogue on Global Issues da Universidade de Georgetown nos Estados Unidos da América. Faz parte da primeira fornada de antropólogos saídos da Licenciatura em Antropologia da Universidade de Coimbra. Os seus estudos em Coimbra levaram-no a publicar um livro sobre os primórdios da antropologia portuguesa na universidade de Coimbra: *A Escola de Antropologia de Coimbra 1885-1950* (Imprensa de Ciências Sociais, 2005).



JORGE VARANDA FERREIRA

Professor Auxiliar de Antropologia do Departamento de Ciências da Vida da Universidade de Coimbra e membro da Direção do Centro de Investigação em Antropologia (CRIA), presidente da comissão de ética do centro e responsável pelo polo do CRIA na Universidade de Coimbra (CRIA-UC).

Licenciou-se no departamento de Antropologia da Universidade de Coimbra, seguindo depois para a University College London (UCL) onde fez o mestrado em Antropologia Médica e posteriormente o doutoramento.

Ao longo dos anos criou e ministrou diversos cursos (licenciatura, mestrado e Doutoramento) ligados à Antropologia

Médica e Saúde Global no Instituto de Higiene e Medicina Tropical de Lisboa, Brown University – USA e Universidade de Coimbra, sendo presentemente coordenador do novo mestrado de Antropologia Globalização e Alterações Climáticas também na Universidade de Coimbra.

As suas investigações centram-se nas áreas da Saúde global/One Health, emergência viral, bioética, o digital, crises e ajuda humanitária, urbanização e alterações climáticas nomeadamente em países de língua oficial portuguesa. Privilegia, pois, perspetivas interdisciplinares em pé de igualdade entre ciências sociais e biomédicas e biológicas, ideias que transporta para a sala de aula. O seu trabalho em contextos não académicos inclui a implementação do sistema de Autópsia Verbal no Centro de Investigação em Saúde de Angola (CISA) e para Médicos do Mundo-Lisboa.

CURSO: 1996-2001



FRANCISCO CURATE

Investigador, Centro de Investigação em Antropologia e Saúde, Departamento de Ciências da Vida, FCTUC.

Foi antropólogo na Câmara de Vila Real de Santo António, professor no Instituto Politécnico de Coimbra – Escola Superior Agrária de Coimbra, e bolsheiro da FCT durante o doutoramento e pós-doutoramento. Atualmente é investigador no Centro de Investigação em Antropologia e Saúde,

Departamento de Ciências da Vida, FCTUC, e professor convidado no Instituto Politécnico de Tomar – Escola Superior de Tecnologia.

É autor de diversos trabalhos nas áreas da bioarqueologia, paleopatologia e antropologia forense, e tem investigado a saúde esquelética, a perda de massa óssea e as lesões traumáticas em amostras arqueológicas e coleções osteológicas de referência. A variabilidade esquelética humana como tópico de investigação é um derivado natural de seu interesse pela saúde óssea, e inclui o desenvolvimento de métodos para a estimativa do sexo biológico e idade à morte através de experiências inovadoras que tiram proveito da potencialidade tecnológica dos aplicativos online, machine-learning e imagiologia médica.

CURSO: 1995-2000



**MARIA
TERESA FERREIRA**

Doutorada em Antropologia, ramo de Antropologia Forense, é Professora Auxiliar no Departamento de Ciências da Vida da Universidade de Coimbra. Coordenadora do Mestrado em Antropologia Forense e Vice-Coordenadora do Ramo de Antropologia Forense do Doutoramento em Antropologia; Vice-coordenadora do Centre for Functional Ecology – Science for People & the Planet (CFE); Curadora

da Coleção de Esqueletos Identificados Século XXI, Laboratório de Antropologia Forense.



RICARDO SEIÇA

Investigador júnior integrado e contratado no CRIA-UC (Centro em Rede de Investigação em Antropologia – Universidade de Coimbra).

Doutorado em Antropologia (especialidade: Antropologia da Educação) pelo IUL-ISCTE, depois de realizar duas pós-graduações e uma investigação-ação como antropólogo auxiliar. Durante o doutoramento passa pela New York University como estudante visitante onde aprofunda a perspetiva dos estudos de performance. Realiza pós-doutoramento entre os EUA, Brasil e Portugal. Desenvolve as suas investigações no seio do CRIA, tendo, recentemente, desenvolvido a ideia de etnoteatro com reclusos de uma prisão. Lecionou na ESTAL e agora na licenciatura em Antropologia do Departamento Ciências da Vida e no Mestrado de Estudos Artísticos da FLUC. Paralelamente, desenvolve atividade artística em que combina etnografia e metodologias teatrais. É autor de um documentário e vários textos para conferências, revistas especializadas, capítulos em livros, exposições, edições fotográficas, performances teatrais. Participou na curadoria de vários eventos científicos e artísticos e foi júri do programa de apoio

às artes da dg Artes, na área de cruzamentos disciplinares. Colabora com frequência como consultor em vários projetos artísticos que integram a etnografia nos seus processos.



SOFIA N. WASTERLAIN

Professora Auxiliar do Departamento de Ciências da Vida da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra, onde leciona no âmbito da Licenciatura em Antropologia, Mestrado em Evolução e Biologia Humanas, Mestrado em Antropologia Forense e Doutoramento em Antropologia. É membro do Centro de Investigação em Antropologia e Saúde (CIAS) e colaboradora do Centre for Functional Ecology – Science for People & the Planet (CFE). Foi curadora das Coleções Osteológicas Identificadas da Universidade de Coimbra entre 2016 e 2021. É Coordenadora do curso de Licenciatura em Antropologia desde 2019. É autora de diversos artigos científicos e capítulos de livros nas áreas da antropologia dentária, paleopatologia e métodos de estimativa de parâmetros do perfil biológico (sexo, idade à morte, estatura e afinidade populacional) quer para amostras populacionais do passado quer para casos forenses.

(Página deixada propositadamente em branco.)

1 2 9 0



IMPRESA DA
UNIVERSIDADE
DE COIMBRA
COIMBRA UNIVERSITY PRESS